

PROJETO BRA/96/018

Projeto Integrado de Proteção às Terras Indígenas da Amazônia Legal

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	____/____/____
cod	CDD000164

**RELATÓRIO AMBIENTAL INTEGRANTE DO PROCESSO DE
IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA SÃO SEBASTIÃO
MUNICÍPIO DE TONANTINS - AM**

*POR LUCIANA DE OLIVEIRA MACHADO
Engenheira Florestal*

Brasília, Abril de 1998.

Mapas confeccionados por
Anselmo Cristiano de Oliveira a
partir de cartas do
Projeto RADAMBRASIL

RESUMO

Este trabalho é parte integrante do Processo de Identificação e Delimitação da Terra Indígena São Sebastião, realizado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em colaboração com o Projeto Integrado de Proteção às Terras e Populações Indígenas da Amazônia Legal (PPTAL). Tem por objetivo a caracterização ambiental da Terra Indígena São Sebastião, de modo a fornecer informações sobre os mecanismos e critérios de ocupação territorial de uma comunidade formada por indivíduos de etnias Caixana e Kokama, permitindo assim a realização de uma delimitação justa e honesta da área utilizada por este povo.

Através de pesquisas bibliográficas, entrevistas individuais e coletivas com alguns integrantes da comunidade e observações de diversas atividades produtivas desenvolvidas pelo grupo, foi realizado um levantamento dos recursos naturais utilizados, que permitiu a construção de um calendário econômico-ecológico e o mapeamento das principais unidades de recursos necessários à manutenção desta comunidade. Os resultados deste estudo nos mostram que a subsistência deste povo é totalmente dependente da utilização dos recursos disponíveis na área, principalmente daqueles advindos da caça, pesca e coleta vegetal, e que se encontram parcialmente ameaçados devido à atividade exógena.

Assim, fácil é perceber a necessidade urgente de regularização da área proposta, para que estes índios possam continuar desenvolvendo suas atividades produtivas, garantindo sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

ÍNDICE

	Página
1. INTRODUÇÃO	01
2. OBJETIVO	01
3. DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	02
4. METODOLOGIA UTILIZADA	03
5. OCUPAÇÃO TERRITORIAL E MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS	04
5.1. PRÁTICAS ECONÔMICAS	04
5.1.1. <i>Caça</i>	04
5.1.2. <i>Pesca</i>	06
5.1.3. <i>Criação doméstica</i>	06
5.1.4. <i>Extração de produtos vegetais</i>	07
5.1.5. <i>Agricultura</i>	07
5.1.6. <i>Outras atividades extrativistas</i>	09
6. MAPEAMENTO DAS UNIDADES DE RECURSOS	10
7. CALENDÁRIO ECONÔMICO-ECOLÓGICO	11
8. IMPACTOS AMBIENTAIS NA ÁREA	12
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	15
11. ANEXOS	16

1. INTRODUÇÃO

Estudos e levantamentos ambientais em terras indígenas brasileiras começaram a ser pré-requisito para os trabalhos de regularização destas áreas a partir da publicação da Constituição Federal, em 1988, que, em seu artigo 231, § 1º, define como "terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural". Posteriormente, outras normas foram instituídas com o intuito de introduzir definitivamente o enfoque ambiental nos processos de regularização das terras indígenas, como o Decreto nº 1.775/96 e a Portaria nº 14/MJ/96, que impõem alguns fundamentos para a elaboração do Relatório de Identificação e Delimitação de Terras Indígenas, exigindo, entre outros, estudos ambientais complementares para a descrição de áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem-estar econômico e cultural do grupo indígena.

Estas exigências se explicam pelas constantes pressões a que vêm sendo submetidas as diferentes comunidades indígenas brasileiras, que, devido a invasões de terceiros, acabam por ter sua auto-sustentabilidade comprometida pelas alterações provocadas em suas formas de uso dos recursos naturais e pelo desequilíbrio do ambiente envolvente. Em alguns casos, estas alterações afetam de tal maneira o ambiente, que chegam a provocar a dispersão de grandes comunidades indígenas que não podem mais suprir suas necessidades básicas de acordo com seus usos e tradições.

Partindo deste princípio, este trabalho se propõe a fornecer informações de caráter ecológico-ambiental sobre a área de estudo, de modo a complementar os dados obtidos por outras abordagens (antropológica, fundiária, histórica). As informações apresentadas foram coletadas através de várias pesquisas, levantamentos e entrevistas realizadas em campo, que exigiram um certo grau de conhecimento específico e de bom senso. O resultado final deste trabalho possibilitou a construção de um modelo de ocupação territorial, através da descrição das tradicionais formas de manejo dos recursos naturais utilizados pelos índios para a sua reprodução sócio-cultural, servindo como subsídio para a demarcação e regularização da Terra Indígena São Sebastião.

2. OBJETIVO

Realizar levantamento e análise de dados ambientais necessários à identificação e delimitação da Terra Indígena São Sebastião, habitada por índios de



etnia Caixana e Kokama, obtendo informações concernentes ao modo de ocupação territorial e utilização dos recursos naturais necessários à subsistência desta comunidade, conforme exigências do art. 231 da CF/88, do Decreto nº 1.775/96, da Portaria nº 14/MJ/96 e de normas internas da FUNAI.

3. DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

De acordo com a proposta desenvolvida pelo grupo técnico responsável, a Terra Indígena São Sebastião abrange uma área de 58.000 ha, aproximadamente, às margens do rio Solimões, no município de Tonantins-AM (Mapa 01 - anexo). Localizada entre os paralelos 02° 39' 00" e 02° 52' 30" S (9.680.000 e 9.720.000 UTM) e meridianos 67° 28' 30" e 67° 44' 10" W (640.000 e 670.000 UTM), encontra-se dividida em três áreas, dentre elas, uma ilha de formação recente que se encontra entre as margens do referido rio. A primeira área, situada na margem esquerda, é formada, segundo classificação do IBGE (1992), por Florestas Tropicais Densas, sejam elas aluviais ou de terras baixas. A área que se encontra na margem direita do rio Solimões também apresenta, segundo a mesma classificação, áreas de Floresta Tropical Densa Aluvial e ainda Áreas de Tensão Ecológica entre Florestas de Formação Pioneira e Tropical Aberta (Mapa 02 – anexo). A vegetação existente na ilha, é formada basicamente por gramíneas.

A presença de índios de etnia Kokama, habitantes tradicionais de terras alagadas do médio Solimões, juntamente com fatos da história de ocupação do povo Caixana pela mesma região, nos leva a crer que a área localizada na margem direita do rio (várzea), que se caracteriza como um ambiente de alta fertilidade e produtividade, seja uma forma de adaptação estratégica, por parte dos Caixana, de utilização dos recursos naturais. Isto porque este povo, que é conhecido como ocupante tradicional de regiões de 'terra firme', teve uma curta permanência em regiões alagadas, experimentando diferenças edáficas que lhe permitem o cultivo de algumas plantas que não têm desenvolvimento satisfatório em regiões de 'terra firme'. Estas diferenças são mais facilmente percebidas quando se analisa o mapa exploratório de solos desenvolvido pelo projeto RADAMBRASIL, onde são classificados para a região solos como podzólico vermelho-amarelo, laterita hidromórfica distrófica e álica e solos aluviais eutróficos (Mapa 03 – anexo). O relevo varia entre plano e suavemente ondulado, com topos esbatidos.

O clima predominante na região é, segundo classificação genérica de Köeppen (1948), do tipo Af (clima tropical chuvoso), constantemente úmido, com temperatura do mês mais frio superior a 18° C. Esta condição propicia um bom desenvolvimento



Foto 01: Reunião com membros da Terra Indígena São Sebastião para discussão da proposta de limites.



Foto 02: Levantamento de espécies florestais presentes na Terra Indígena São Sebastião através da observação de pranchas fotográficas.

vegetal, sendo, no entanto, considerada ponto limite, abaixo do qual não se desenvolvem determinadas plantas tropicais. A precipitação pluviométrica na região tem uma média anual superior a 2.500 mm e está intimamente ligada ao regime das águas. Os meses com menor precipitação são agosto, setembro e outubro (verão) enquanto que os meses de maior ocorrência de chuvas estão compreendidos entre janeiro e março (inverno). Estas diferenças afetam diretamente o modo de vida do grupo indígena, que supre suas necessidades de subsistência através do desenvolvimento de um dinâmico processo de reprodução sociocultural. Este processo tem como base a observação da natureza e os conhecimentos obtidos através de gerações anteriores, permitindo assim o reconhecimento e utilização de uma grande variedade de recursos naturais, os quais se encontram diretamente relacionados ao regime das chuvas (ciclo hidrológico).

4. METODOLOGIA UTILIZADA

Com o objetivo de obter informações sobre o dia-a-dia da comunidade indígena, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a região, envolvendo relatos de viajantes e naturalistas, e pesquisas sobre a flora e a fauna locais. Ainda antes da viagem de campo, teve-se uma preocupação em montar um esquema hipotético de ocupação territorial e utilização dos recursos disponíveis, o qual foi de grande valia para o desenvolvimento das atividades de campo.

O trabalho de campo propriamente dito, que se deu entre os dias 16 de Setembro e 15 de Novembro de 1997, consistiu em localização da área indígena em cartas do Projeto RADAMBRASIL (escala 1:250.000); reuniões periódicas com membros da comunidade em questão (Foto 01) e de outras comunidades vizinhas para a definição dos limites da terra indígena; e, identificação de diferentes ecossistemas presentes na área, através de mapas de vegetação (RADAMBRASIL, 1977). Roteiros de entrevistas com vários membros da comunidade e/ou durante saídas para acompanhamento de algumas atividades econômicas; preenchimento de planilhas por núcleos temáticos (caça, pesca, agricultura e coleta vegetal) e levantamentos de espécies vegetais através de fotografias (Foto 02) também foram adotados. Além disto, várias observações de campo foram feitas com o intuito de determinar os pontos limites com o uso de GPS (Global Positioning System) e alocar pontos de amostragem da vegetação, uma vez que a montagem de parcelas para realização de um breve inventário mostrou-se impraticável. Estas viagens também permitiram a confirmação das informações obtidas durante as entrevistas e ainda a identificação de várias espécies vegetais.



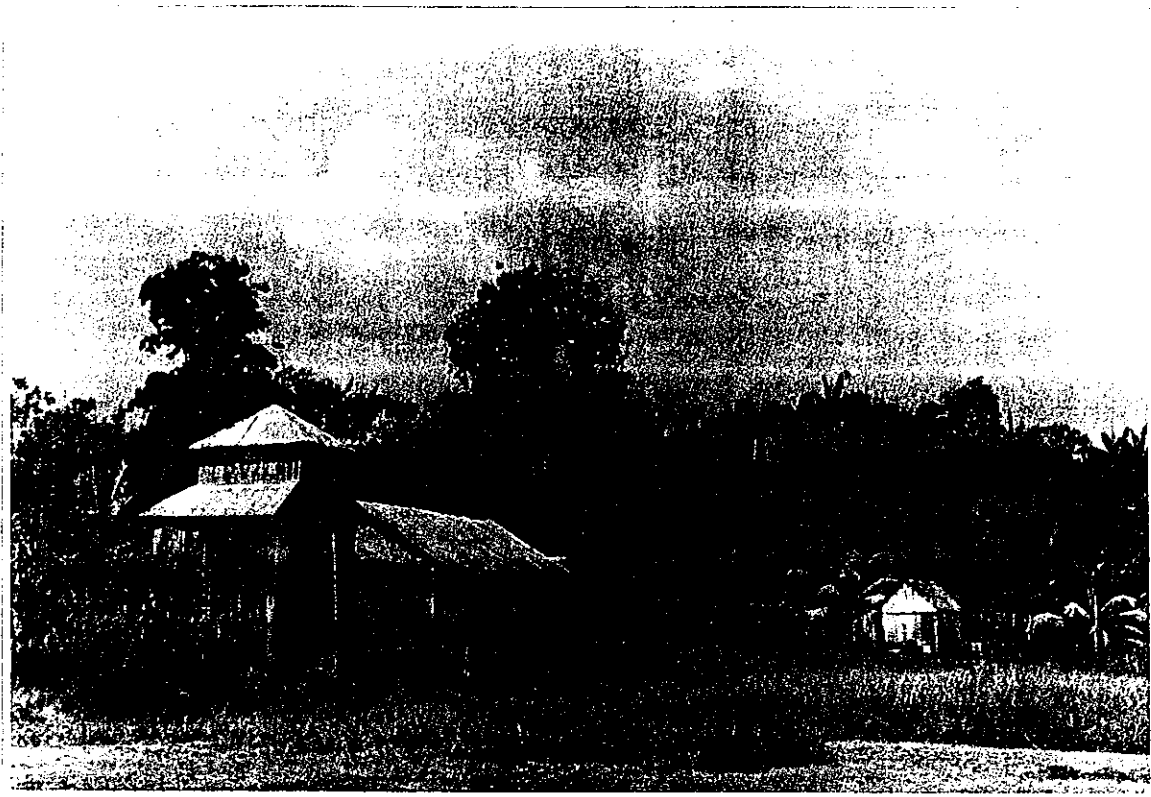


Foto 03: Aldeia São Sebastião, situada na margem esquerda do rio Solimões.



Foto 04: Local preferencial de caça – *canamã* de anta, veado, paca e queixada

É importante ressaltar que todo este trabalho só foi possível graças à determinação e pré-disposição da equipe, que, unida, conseguiu superar os inúmeros entraves encontrados. Um outro fato que vale ser lembrado é que em todas as etapas do desenvolvimento deste trabalho, a equipe contou com o apoio incondicional de vários índios, condição *sine quae non* para a realização deste trabalho.

5. OCUPAÇÃO TERRITORIAL E MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS

Caixanas e Kokamas da Terra Indígena São Sebastião ocupam uma pequena área às margens do rio Solimões (Foto 03), onde desenvolvem toda a sua economia de subsistência. Esta é baseada principalmente em atividades de caça, pesca, coleta vegetal e agricultura. Atividades de extração de madeira para comercialização e de coleta de insetos também possuem um relevante papel para a economia deste povo. Estas atividades traduzem um *modus vivendi* bastante peculiar, uma vez que envolvem um dinâmico processo de utilização dos recursos naturais disponíveis na região. A maioria destas atividades é relacionada a um grande conhecimento a respeito do ciclo ecológico e hidrológico da região, bem como de diferentes unidades de recursos, onde as atividades variam de acordo com a disponibilidade sazonal de aves, mamíferos, répteis, peixes e árvores em frutificação.

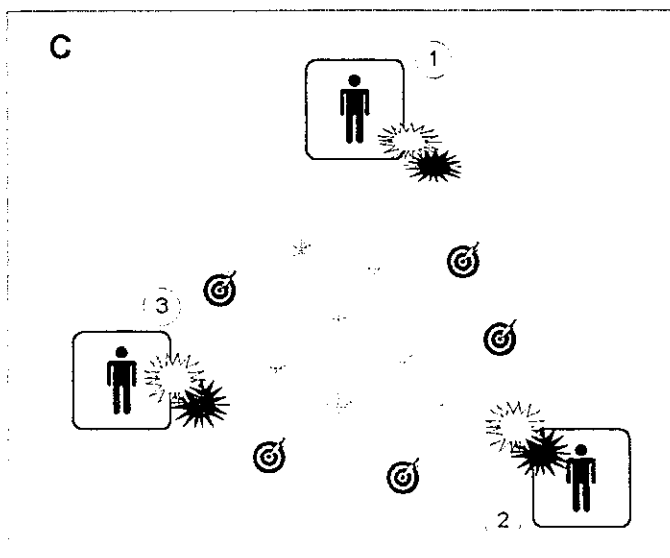
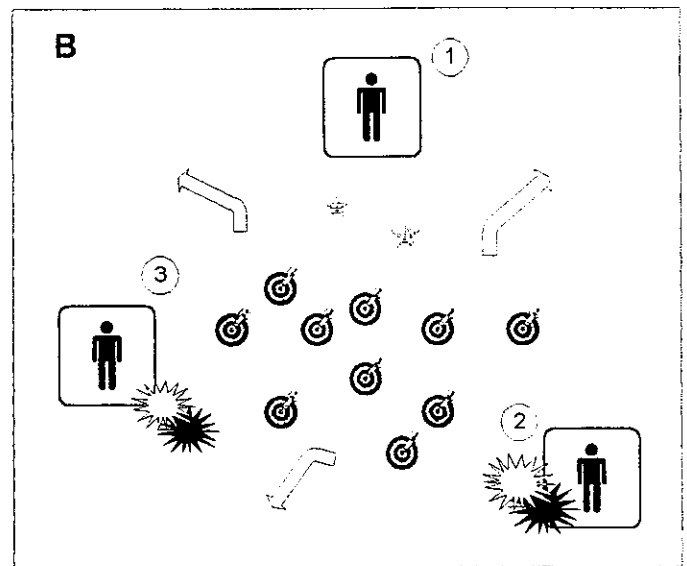
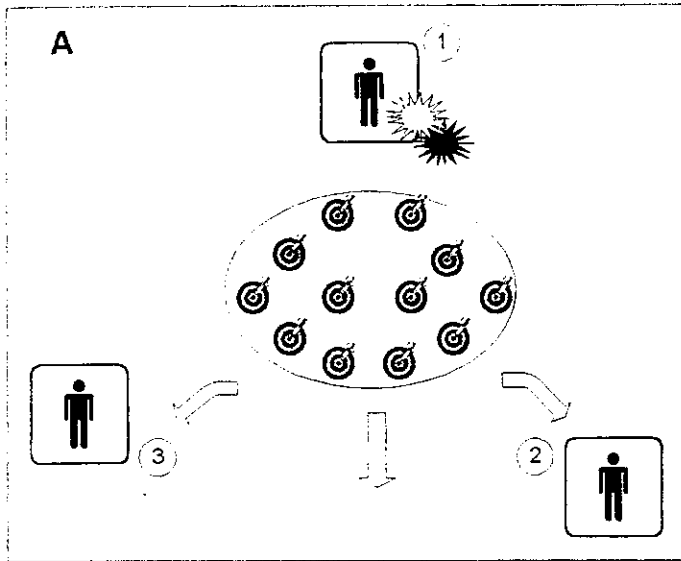
Neste contexto ecológico, fácil é perceber a riqueza de conhecimento deste povo, no que se refere a mudanças dos ciclos pluviométricos e fluviométricos (épocas de inverno e verão), fenologia de espécies (período de frutificação), relações tróficas estabelecidas entre várias espécies de animais e fruteiras, hábitos reprodutivos e migratórios de cada espécie.

As formas de ocupação territorial dos índios Caixana e Kokama, além de envolverem um conhecimento de correlações entre as diferentes categorias mencionadas, ainda nos mostra uma eficiente prática de manejo destes recursos, que se traduz num bom modelo de equilíbrio ecológico. Em outras palavras, a adaptação indígena ao meio ambiente é claramente percebida na forma eficiente e singular de aproveitamento da produção natural da região, conforme será detalhado a seguir, para cada modalidade.





5.1. PRÁTICAS ECONÔMICAS

5.1.1 Caça

A caça é uma das principais fontes de proteína animal da comunidade indígena, provavelmente devido à grande diversidade de espécies presentes na região



LEGENDA

-  Tiro de espingarda
-  Índio Caixana
-  Queixadas a serem abatidas
-  Queixadas abatidas

Esquema 01: Posicionamento dos índios para o abate de bando de queixadas (caça em grupo).

(Tabela 01). Inclui desde pequenas aves até animais de grande porte, que são, na maioria das vezes, capturados ocasionalmente, durante outras atividades como a pesca e a coleta vegetal. Entretanto, para alguns membros da comunidade, a caça representa uma atividade de grande valor, sendo a ela direcionado um grande esforço para a captura de determinadas espécies como antas, macacos, pacas, caititus, queixadas, e veados. Neste caso, a caça é realizada através da técnica de espera, que consiste na escolha de um local que contenha um 'atrativo' para a caça e que sirva como ponto de espera. Este 'atrativo' pode ser uma fonte de alimento que seduza a caça (por exemplo, árvores em frutificação), ou *canamãs* ou *barreiros*, que são locais lamacentos que alguns animais freqüentam para lamber a terra em busca de sais minerais (Foto 04).

Sempre noturna, a caça de espera normalmente é feita por duas pessoas, em sistema de revezamento, e envolve o uso de armas de fogo (espingardas). De duração variável (algumas horas até uma noite inteira), este tipo de atividade só é realizada por homens, que, em geral, preparam pequenos *tapiris* (abrigos temporários feitos com madeira e folhagem obtidas na própria mata) ou simples acampamentos sob as árvores para passarem a noite. Os locais preferenciais são as matas de terra firme, as áreas de 'terras altas' da várzea e as margens dos igarapés, onde foram identificados inúmeros *canamãs* que são freqüentados por animais de grande porte como antas, pacas, queixadas e veados, que, além de fazerem parte da dieta alimentar, também são comercializados ou trocados por pequenos produtos importantes para a subsistência deste grupo (sal, açúcar, café, fósforo, sabão, etc.).

Uma outra técnica praticada pelos membros da T. I. São Sebastião é a caça em grupo. Esta técnica é menos comum e restringe-se a situações em que um índio encontra um bando de queixadas nos arredores da aldeia. Neste caso, volta para a aldeia para chamar outros caçadores, que se dividem rastreando o bando de animais. Ao evidenciar os ruídos das queixadas, o grupo se posiciona estrategicamente, de forma a cercar o bando. Este posicionamento se dá de acordo com o número de caçadores (no mínimo três), conforme mostra a figura ao lado. O caçador número 1 dá o primeiro tiro, normalmente certo, abatendo um ou mais porcos. O bando, afugentado com o estampido, corre em direção aos outros caçadores, que continuam com a seqüência de disparos, abatendo o maior número possível de animais. Ao final, o resultado da caça é distribuído igualmente entre os caçadores.

Independente da técnica utilizada, quando a caça é bem sucedida, a conservação da carne é feita através de simples utilização de sal ou de moquéim. Este consiste em uma grelha para assar ou secar a carne.

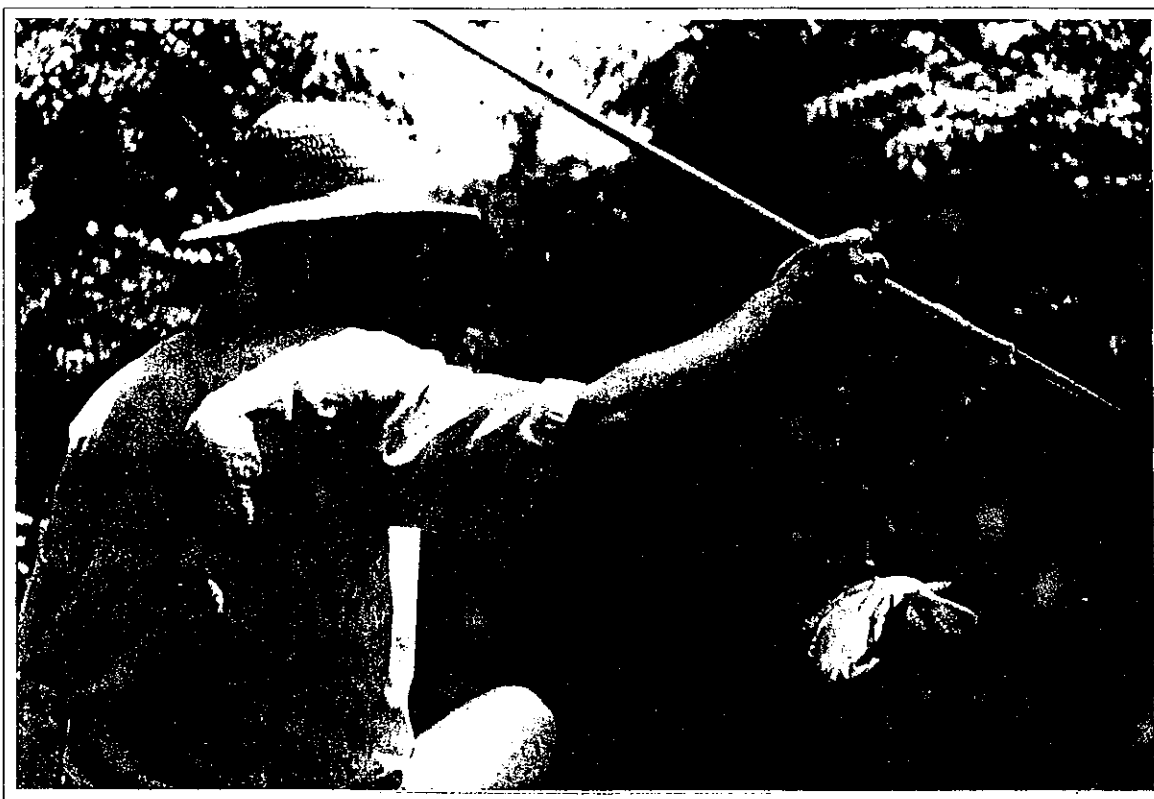


Foto 05: Índio Caixana pescando tucunaré (*Cichla ocellaris*) com zagaia.

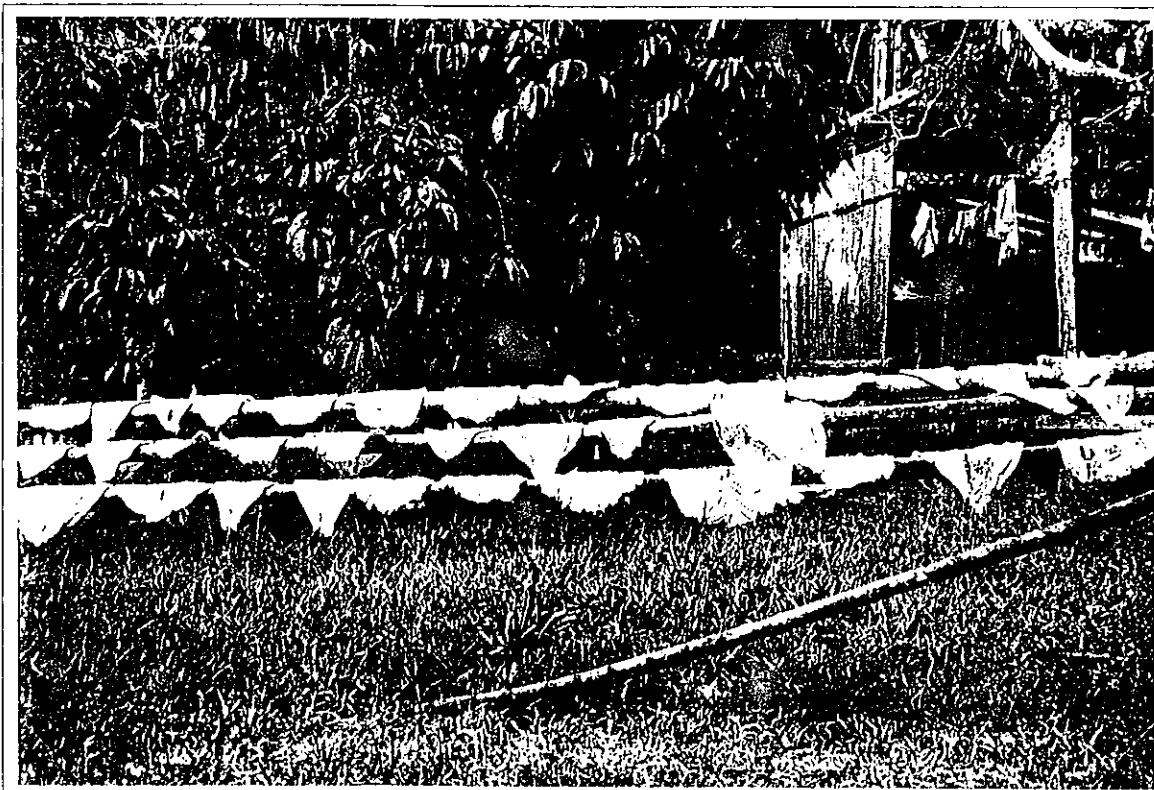


Foto 06: Carne de peixe secando em jirau depois de ser salgada.

5.1.2. Pesca

Apesar da intensa procura, não só pelos índios, mas também por diversas comunidades ribeirinhas vizinhas, a diversidade e abundância de espécies aquáticas na região do médio Solimões ainda é bastante grande (Tabela 02). Considerada uma das principais atividades de subsistência do povo de São Sebastião, a pesca é praticada tanto por homens como por mulheres e crianças. Estas, no entanto, só o fazem nas proximidades da aldeia, nas margens do rio Solimões; enquanto que os homens chegam mesmo a fazer viagens para as atividades de pesca.

De maneira similar à caça, a pesca também é uma importante fonte de proteína animal e está intimamente relacionada ao reconhecimento de categorias espaço-temporais, marcadas pelos períodos de inverno e verão (regime das águas). Atividade mais intensa no verão, quando a caça é menos freqüente, é praticada não só no rio, mas também em diversos lagos e igarapés existentes na área. Dentre eles, merecem destaque especial os igarapés Coperçu e Kumã, e os lagos situados na margem direita do rio Solimões, devido à abundância e variedade de espécies existente nestes ambientes.

As técnicas são bastante diversificadas, incluindo desde a flecha e a zagaia (Foto 05), até a utilização de anzol, linhada (*caniço*) e malhadeira, e variam de acordo com a disponibilidade sazonal de peixes nos diferentes ambientes. A utilização de venenos vegetais, como o cipó timbó, já teve seu lugar entre as práticas realizadas por este povo, mas foi abandonada devido aos danos ambientais por ela provocados (morte desnecessária de muitos peixes). Uma outra técnica, já praticamente extinta entre os índios de São Sebastião, é a construção de 'currais' ou barragens para a captura de peixes durante a época da enchente (início do inverno).

O tempo dispensado para a prática da pesca é bastante variável, podendo ser de poucas horas, quando nas proximidades da aldeia, até alguns dias. Neste caso, a pesca é feita durante viagens específicas para este fim, dando-se preferência para espécies como matrinchã, pirarucu, surubim, tambaqui e tucunaré, que tanto podem ser consumidas pelos próprios índios, como trocadas entre as comunidades vizinhas ou comercializadas. Neste caso, as carnes são salgadas e estendidas em jiraus para secarem (Foto 06).

5.1.3. Criação doméstica

Além da fauna local, alguns índios da T. I. São Sebastião também criam alguns animais com o intuito de complementar sua dieta alimentar ou vender/trocar para aquisição de outros produtos importantes para o suprimento de suas necessidades



Foto 07: Habitação típica do povo de São Sebastião, construída com paxiúba (*Socratea exorrhiza*) e palhas de caraná (*Mauritia carana*).



Foto 08: Canoa sendo confeccionada a partir de madeira de guariúba (*Clarisia racemosa*).

básicas. Pode-se citar por exemplo a criação de galos e galinhas, patos e porcos. Além disto, criam ainda alguns animais domésticos como tucanos, araras e periquitos, e ainda algumas variedades de macacos capturados na mata quando ainda filhotes.

5.1.4. Extração de produtos vegetais

Conforme já mencionado anteriormente, a área de estudo é formada principalmente por florestas densas que possuem uma enorme diversidade de espécies vegetais, incluindo plantas com raízes comestíveis e medicinais, frutas, sementes, castanhas e madeiras de boa qualidade. Estas espécies, sabidamente reconhecidas pelos índios, são utilizadas para diferentes finalidades, quais sejam, complemento da dieta alimentar, construção de casas e embarcações (Fotos 07 e 08), fabricação de remédios naturais, confecção de pequenos objetos e artesanato (Fotos 09 e 10), como isca para peixes e como atrativo para alguns animais.

Embora existentes em larga escala, estes produtos silvestres não se encontram concentrados em uma só área, por causa da distribuição dispersa e isolada característica da vegetação das florestas tropicais. Desta forma, a exploração destes recursos requer tempo e mão-de-obra, assim como acesso a uma grande extensão da floresta. Como consequência, esta atividade é realizada tanto por homens como por mulheres e crianças, praticamente durante todos os meses do ano. Entretanto, é no inverno (principalmente entre os meses de dezembro e fevereiro) que adquire maior intensidade, devido à presença de várias espécies em frutificação que são usadas na alimentação do povo de São Sebastião, como a castanha, a abiurana, a ingarana e diferentes espécies de palmeiras.

Para a construção de casas e embarcações, as espécies mais utilizadas são abacatirana, anuirá, guariúba e cauichi, paxiúba (paredes e assoalhos) e palhas de caraná e ubim (cobertura de casas). Carapanaúba, caxinguba, andiroba e sucuba são as espécies de maior utilização na medicina tradicional. Várias outras espécies de aplicações conhecidas foram levantadas através de entrevistas e/ou de observações em campo, conforme mostra a Tabela 03.

5.1.5. Agricultura

Desde muito tempo a agricultura vem sendo considerada a principal atividade de subsistência de índios e caboclos da Amazônia. No caso particular dos Caixana e Kokama, que, além de caçadores, pescadores e coletores, também são agricultores por excelência, a agricultura representa, sem sombra de dúvidas, uma importante atividade econômica. É desenvolvida pelo tradicional sistema de 'coivara' ou 'roça de



Foto 09: Índio Caixana confeccionando remo com madeira (sapopema) de urucurana (*Sloanea nitida*).

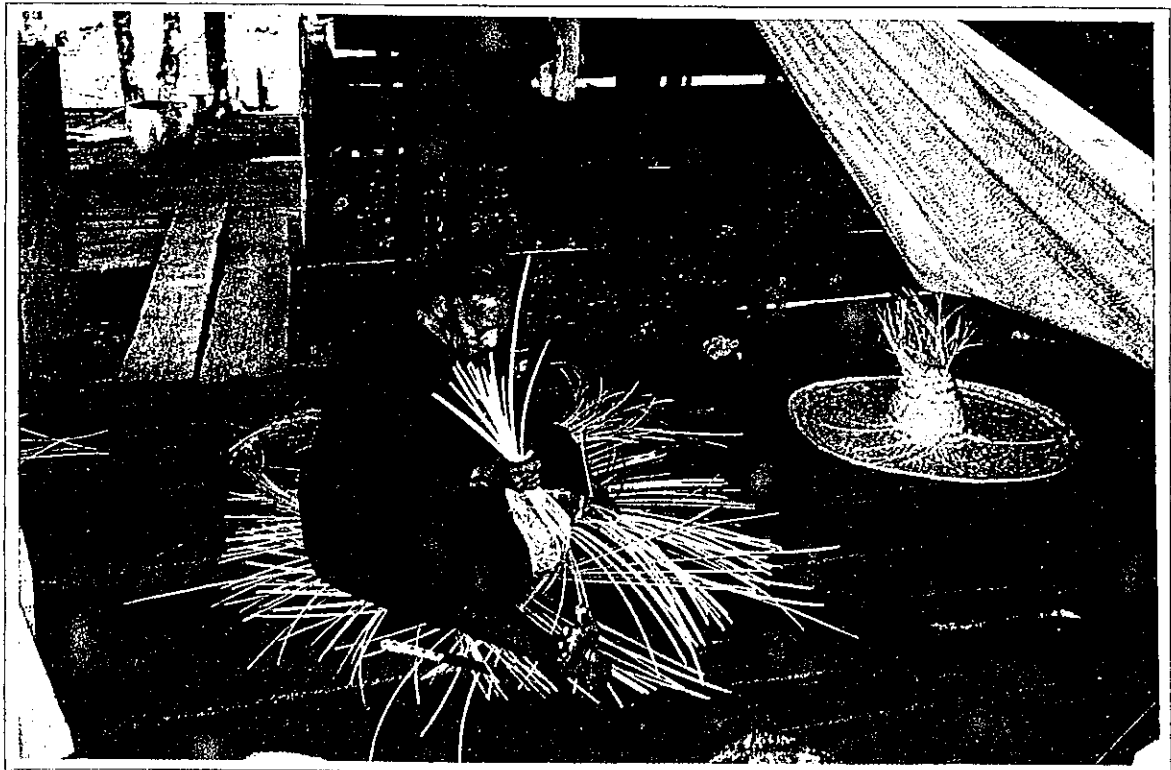


Foto 10: Índia Kokama trançando chapéu com palha ('olho') de tucumã (*Astrocaryum tucuma*).

toco', que consiste na derrubada e queima da mata e posterior queima de tocos não atingidos pela queimada inicial (Foto 11). Esta prática permite o retorno de alguns nutrientes ao solo, através da incorporação das cinzas da queima, provocando um relativo aumento da fertilidade dos solos, principalmente em regiões de terra firme.

O corte das árvores e a limpeza do terreno a ser plantado não segue nenhum padrão preestabelecido, sendo realizados nas diferentes épocas do ano. No entanto, estas atividades normalmente são realizadas no período da seca, de modo que a queima e o plantio possam ser programados para o período que antecede as primeiras chuvas.

De tamanho variável, as roças normalmente são cultivadas nas proximidades da aldeia, havendo, na maioria das vezes, mais de uma roça por unidade familiar. São feitas em sistema de rodízio, no qual utilizam uma mesma área por cerca de 2-3 anos (ou 'quando a produção fica pequena') e deixam-na descansar por igual período (ou 'quando a capoeira já está formada'). Esta prática, ao contrário de grandes monoculturas que aos poucos estão chegando na região Amazônica, pode ser considerada auto-sustentável, visto que existe um lapso de tempo para a recomposição vegetal através do banco de sementes e da regeneração natural da floresta adjacente.

A principal cultura é a da mandioca, já que sua farinha é o alimento básico, de consumo diário durante todo o ano (Foto12). Existem, no entanto, outras espécies consorciadas a esta cultura, principalmente tubérculos como batata doce, cará, macaxeira e taioba. A preferência por estes produtos pode ser explicada pelo próprio ambiente da região, uma vez que são culturas que se desenvolvem em solos pobres e resistem a pragas e variações climáticas. Além disto, tubérculos podem ser mantidos na terra o tempo que for preciso, não necessitando de nenhuma forma de armazenamento ou conservação.

Culturas de menor escala, mas de igual importância para o grupo são, dentre outras, banana, feijão, melancia e milho, normalmente plantados na várzea, e várias espécies frutíferas como abacaxi, açaí, cana e mamão (Tabela 04). Estas últimas normalmente são plantadas em pequena quantidade, algumas vezes na própria aldeia, em volta das casas.

Além dos ambientes de terra firme e de várzea, os índios também dispõem de uma pequena ilha existente no rio Solimões, formada há cerca de uns dez anos. Esta ilha está localizada exatamente entre as duas áreas da T. I. São Sebastião e é utilizada para o cultivo de melancia, feijão, arroz e milho, que produzem resultados mais satisfatórios do que aqueles obtidos em terra firme. Cabe aqui mencionar que



Foto 11: Terreno preparado para cultivo de mandioca (*Manihot* sp.)– 'coivara'.



Foto 12: Índia Caixana colhendo mandioca para preparo da farinha

existe na ilha uma grande quantidade de tacana, uma espécie de bambu muito utilizada para a confecção de flechas e zagaias para a pesca.

Apesar do intenso contato entre os índios e a sociedade envolvente, que não valoriza o 'saber' indígena, ainda existe, na T. I. São Sebastião, alguns 'conhecedores de plantas' e de doenças que elas curam. Desta forma, além das culturas utilizadas para alimentação, os índios também cultivam várias outras espécies vegetais que possuem aplicação medicinal. (Tabela 04). Estas plantas são, em sua maioria, de pequeno porte (ervas ou arbustos), podendo, pois, serem plantadas em viveiros suspensos que são feitos com pequenas canoas (Foto 13). Este costume vem sendo mantido através de várias gerações e permite a este povo um tratamento bastante eficaz de diversos males e enfermidades, evitando as grandes distâncias e dificuldades de deslocamento em busca de assistência médica e farmacêutica.

5.1.6. Outras atividades extrativistas

Além da caça, pesca e coleta vegetal, Caixanas e Kokamas de São Sebastião também tiram o seu sustento de atividades como extração de madeira para a venda, coleta de insetos e de mel de abelhas. No primeiro caso, as madeiras normalmente são retiradas em toras ou tábuas (Foto 14) para serem comercializadas com pequenas serrarias existentes na região, ou trocadas com os chamados 'regatões'. Estes são vendedores que percorrem, de barco, os rios ou igarapés, em busca de produtos que possam ser comercializados ou trocados por outros de seu interesse. É importante ressaltar que a exploração madeireira, por parte dos índios de São Sebastião, é realizada em pequena escala, ao contrário das grandes madeireiras que se instalam na região Amazônica devastando tudo o que encontram pela frente. Além disto, trata-se de uma exploração seletiva, envolvendo apenas algumas espécies como itaúba, macacaúba, acapu, capinuri, paricarana, assacu, virola e louro namuí. Acontece durante dois ou três meses do ano (época da cheia) e somente 'sob encomenda', isto é, quando existe a procura por parte das serrarias ou dos regatões.

Na esfera entomológica, os principais produtos são borboletas, lagartas e formigas. As primeiras são capturadas por alguns poucos índios para a comercialização. Para tanto, se utilizam de técnicas bastante interessantes que envolvem desde o tradicional pulsar até pequenas armadilhas que são colocadas nos galhos das árvores ou no topo de varas fincadas na mata. No caso das lagartas (também chamadas *tapurus* ou *muchuás*) e das formigas, o uso é única e exclusivamente alimentar. Trata-se de uma tradição que já vem de tempos antigos e que se serve de algumas espécies de lagartas que infestam as palmeiras de buriti e

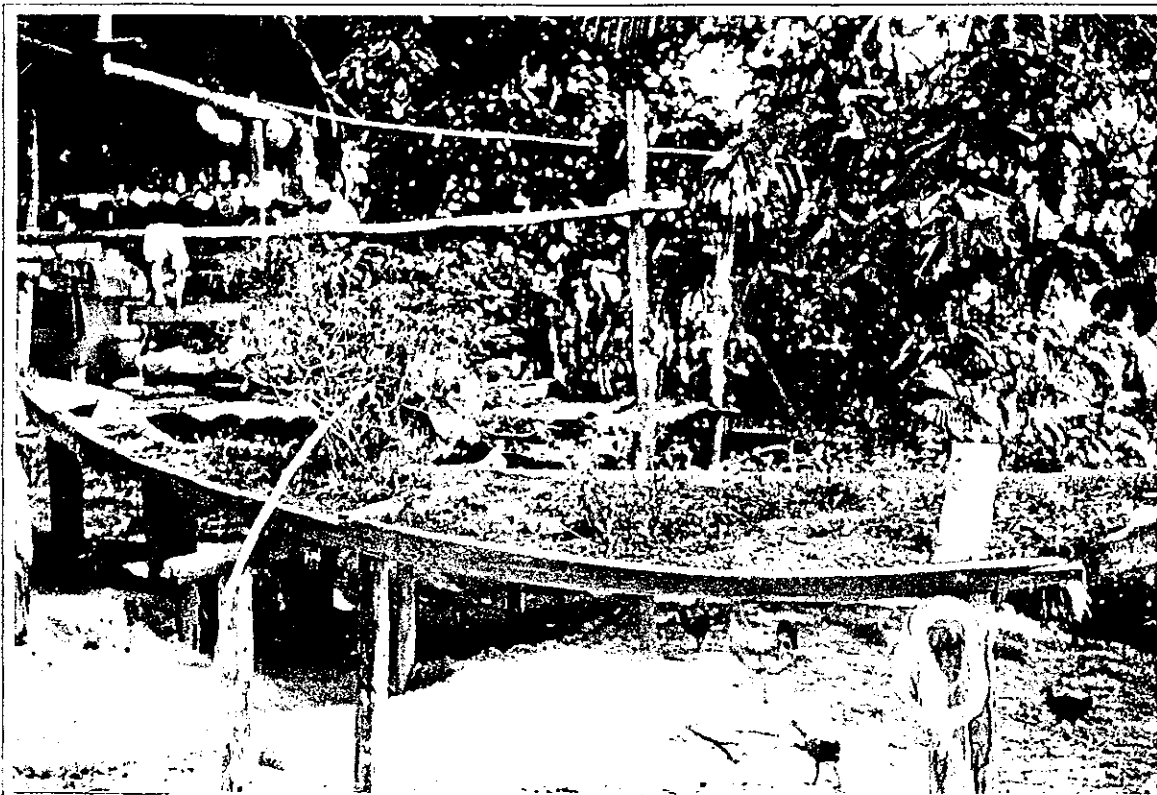


Foto 13: Viveiro suspenso contendo ervas utilizadas na medicinal tradicional do povo Caixana e Kokama.

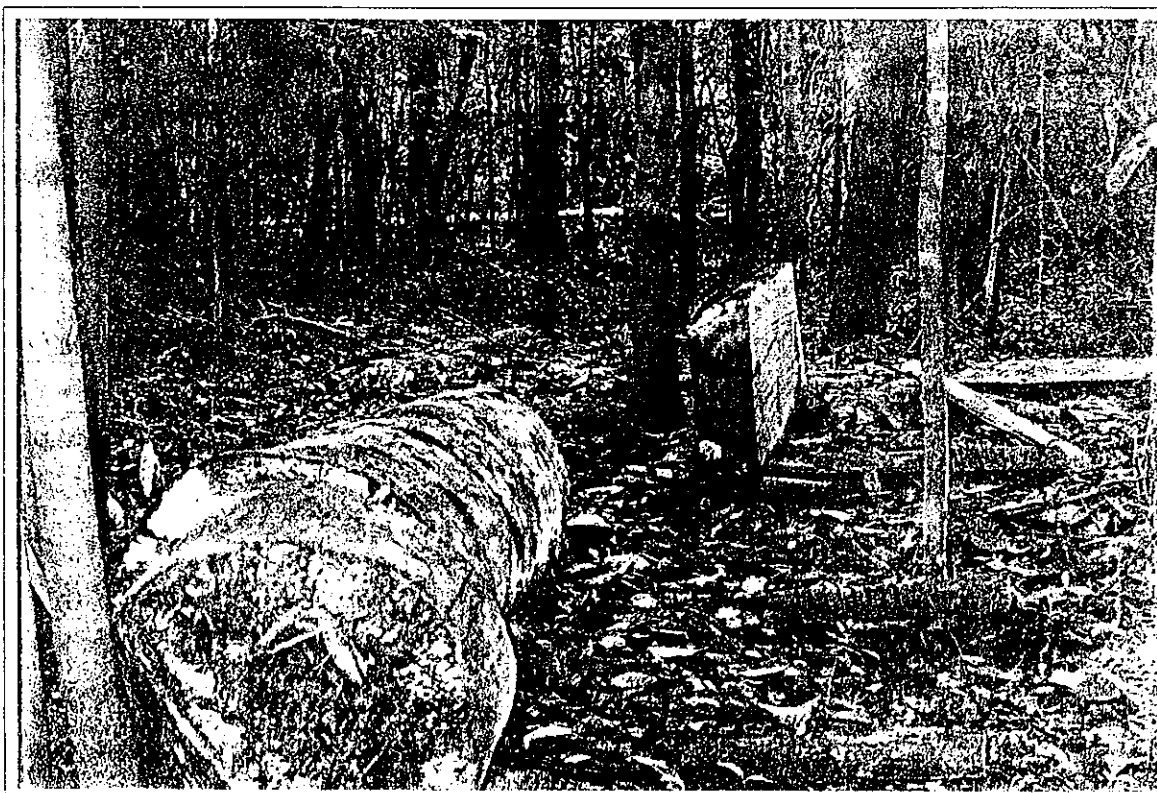


Foto 14: Toras de louro namuí (*Ocotea cymbarum*) retiradas para comercialização.

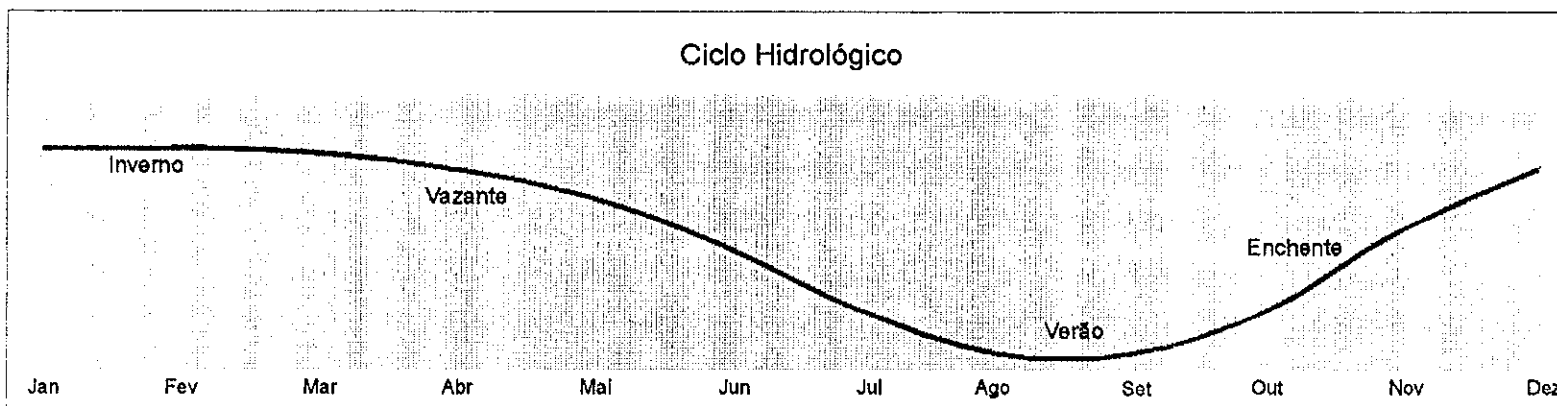
urucuri (fruto) e das conhecidas tanajuras (saúvas), que aparecem sempre no início do período das chuvas. O preparo é feito com a farinha de mandioca, numa espécie de farofa, que é bastante apreciada pelos índios de São Sebastião.

No que se refere às abelhas, o mel extraído tanto pode ser utilizado como alimento ou remédio, como trocado/comercializado com as comunidades vizinhas. As abelhas de maior interesse são a jandaíra, cujo mel tem uso medicinal (tratamento de amebíase; gripe e tosse) e comercial; e as abelhas uruçú e canudo, das quais se extrai mel de ótima qualidade para ser consumido.

6. MAPEAMENTO DAS UNIDADES DE RECURSOS

Para uma melhor visualização e entendimento da importância da área proposta para a T. I. São Sebastião, foram ilustradas no Mapa 04 (anexo) as áreas imprescindíveis ao desenvolvimento das atividades produtivas e à preservação dos recursos necessários ao bem-estar econômico e cultural do povo de São Sebastião. Esta etapa do trabalho, assim como várias outras, foi realizada em conjunto com a comunidade indígena, e passou por algumas dificuldades, principalmente pelo fato de se ter disponível apenas mapas em escala de 1:250.000, cujo nível de detalhamento é bastante reduzido. Estes entraves foram minimizados pelo reconhecimento, em campo, das diferentes tipologias ambientais existentes na área, que concentram a maior parte das unidades de recursos utilizadas pelos índios. Estas unidades foram então georeferenciadas através do uso de GPS, o que permitiu a construção do referido mapa.

A partir de então, a definição dos limites foi feita com base na distribuição espacial das unidades de recursos atualmente utilizadas, tendo-se a preocupação de incluir áreas de preservação situadas nas proximidades de nascentes e cabeceiras de alguns igarapés tidos como essenciais para a manutenção da vida deste povo (igarapés Coperçu e Kumã). Esta preocupação é fundamentada no fato de que a supressão da cobertura vegetal destas áreas pode acarretar sérios danos ao bem comum, como já tem ocorrido em diversas regiões do país. É sabido que no Brasil a incidência solar é extremamente intensa, principalmente na região Amazônica. Por esta razão, rios, lagos, igarapés e outras fontes hídricas, se não possuírem uma proteção arbórea que garanta a conservação do solo, regularize o regime das águas e atue sobre o clima e a qualidade do ar, estarão fatalmente condenados ao desaparecimento. Este fato comprometeria sobremaneira a sobrevivência de Caixanas e Kokamas de São Sebastião, uma vez que é nestes ambientes, principalmente nos arredores dos igarapés Coperçu e Kumã, que boa parte de suas atividades produtivas



	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Caça	4	5	6	4	3	2	1	0	0	1	2	3
Pesca	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	2	3
Coleta Vegetal	6	6	5	4	3	2	1	0	0	2	3	4
Agricultura	3	3	3	3	2	3	4	4	4	3	2	3
Extração de Madeira	4	4	3	2	0	0	0	0	0	0	0	2
Outras	3	3	2	1	1	1	0	0	0	1	2	3

Obs: a quantidade de símbolos indicada para os diferentes meses é proporcional à intensidade com que cada atividade é realizada.

Diagrama 01: Calendário das atividades produtivas desenvolvidas pelos Caixana e Kokama de acordo com o ciclo das águas.

é desenvolvida. Portanto, a sua proteção é de fundamental importância para a sua conservação e para a manutenção da qualidade de vida das gerações presentes e futuras.

Além das áreas de preservação ambiental, existem ainda outras áreas, sem as quais o grupo indígena não sobreviveria, como é o caso dos vários lagos e florestas existentes em todo o território estudado. Nestes locais foram identificados vários acampamentos de caça, *canamãs*, castanhais e áreas de coleta vegetal e extração de outros produtos de origem animal ou vegetal, conforme já mencionado.

As culturas agrícolas normalmente são desenvolvidas nas proximidades das aldeias, ou em áreas de acesso facilitado no período das chuvas. É importante lembrar que a T. I. São Sebastião é formada por cinco aldeias. Três delas (Santa Fé, São Sebastião e Nova Jerusalém) estão localizadas às margens do rio Solimões, e as outras duas, denominadas Novo Kumã e Lago Baixo, encontram-se na margem direita do igarapé Coperçu. São nestes pontos que se concentram as plantações do povo de São Sebastião, exceto aquelas culturas cujo desenvolvimento é melhorado quando da utilização de solos existentes na ilha ou em regiões alagadas (várzea).

7. CALENDÁRIO ECONÔMICO-ECOLÓGICO

O vasto conhecimento sobre mudanças ecológicas provocadas pelas variações dos ciclos pluviométricos e fluviométricos, ou simplesmente, épocas de inverno e verão, permitiu ao povo de São Sebastião uma adaptação bastante interessante em seu *habitat*. De acordo com os dados apresentados neste relatório, é possível se ter uma pequena noção das alternativas e possibilidades de utilização dos recursos naturais, renováveis ou não, reconhecidas por este povo para garantir a sua subsistência. Na tentativa de melhor ilustrar esta situação, foram relacionados, no diagrama ao lado, as diferentes atividades desenvolvidas, de acordo com as variações climáticas existentes na região. Estas atividades buscam maximizar o aproveitamento dos recursos conforme sua disponibilidade sazonal.

Como se pode perceber, é durante o inverno que a maioria das atividades se intensificam. Isto acontece porque, além da disponibilidade, os recursos tornam-se mais acessíveis. Com a cheia dos rios e igarapés, existe uma maior facilidade de locomoção, através de pequenas embarcações, possibilitando o acesso a regiões mais distantes, que não podem ser atingidas na época da seca, além de permitir o transporte de alguns produtos como toras e tábuas de madeira e animais de grande porte. É nesta época também que a maior parte das espécies vegetais encontram-se

em frutificação, inclusive a castanha, que, além de possuir um alto teor nutritivo, também é bastante apreciada no comércio local.

Com a escassez dos recursos durante a seca, os índios concentram-se então nas atividades de pesca e agricultura, garantindo pois a sua subsistência. Atividades como a caça e a coleta vegetal também são praticadas, mas com menor frequência.

É importante salientar que as atividades desenvolvidas pelo grupo não acontecem de maneira estática, mas dentro de um processo natural bastante dinâmico, que se faz presente nas diferentes épocas do ano. Este processo envolve um conjunto de atividades que se complementam em função da variação do ciclo hidrológico e da concentração e disponibilidade de determinados recursos.

8. IMPACTOS AMBIENTAIS NA ÁREA

Um grande problema existente nas imediações da T. I. São Sebastião, que, a médio e longo prazo pode colocar em risco a subsistência deste povo é a entrada, em diferentes ambientes utilizados pelos índios, de grandes barcos peixeiros para a prática da pesca com rede. Esta consiste na utilização de grandes redes que são lançadas na água para a captura de peixes em grande quantidade e sem nenhuma seletividade.

Ainda com relação à pesca, pode-se citar também a construção de 'currais' ou barragens utilizados para a captura de peixes na época das cheias dos rios. Apesar de já ter sido praticamente abandonada pelos Caixana e Kokama, esta técnica ainda é realizada por vários indivíduos de comunidades vizinhas, dentro dos limites da área proposta, comprometendo sobremaneira a abundância e variedade da fauna aquática da região.

Vale lembrar aqui que ambas as práticas acima citadas são proibidas pelo IBAMA e demais órgãos ambientais, com base no disposto no art. 1º, incisos I e IV, alínea c da Lei nº 7.679/88, e no art. 1º do Decreto nº 6.103/89, que dispõem sobre a proibição de pesca de espécies em período de reprodução/piracema. Entretanto, dada a grande dificuldade de fiscalização por parte destes órgãos, estas atividades continuam sendo praticadas, com prejuízo direto, neste caso, para a comunidade indígena.

Com relação à vegetação existente na região, um dos poucos problemas encontrados foi a exploração madeireira. Além dos índios de São Sebastião, que a fazem em pequena quantidade, esta atividade também vem sendo desenvolvida por membros de comunidades ribeirinhas localizadas nas proximidades da aldeia e, às vezes, por proprietários de madeireiras presentes no município. Apesar de se tratar de

uma exploração seletiva, em termos ambientais esta atividade pode colocar em risco a existência de determinadas espécies, além de interferir no equilíbrio dinâmico da floresta.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de levantamentos bibliográficos e da análise e interpretação dos dados coletados durante os trabalhos de campo, não somente sob a ótica econômico-ecológica, mas também cultural e histórica, foi possível elaborar uma proposta de limite que traduzisse a real necessidade dos indivíduos Caixana e Kokama que ocupam a Terra Indígena São Sebastião.

Os dados apresentados neste relatório nos permitem chegar à conclusão de que a forma de ocupação da área pelos índios que dela dependem pode ser considerada como uma forma de utilização dos recursos naturais bastante equilibrada. Isto porque, as atividades produtivas desenvolvidas por este povo seguem um padrão cultural de subsistência e estão intimamente relacionadas ao regime das chuvas. E, por este motivo, são altamente sazonais e estão sujeitas a flutuações imprevisíveis. Sabendo disto, o povo de São Sebastião foi levado a desenvolver mecanismos alternativos para compensar estas variações estacionais, como o cultivo de determinadas espécies vegetais, principalmente tubérculos, e a comercialização de alguns produtos. Apenas a título de esclarecimento, gostaria de lembrar que a comercialização efetua-se quase inteiramente pelo escambo. O dinheiro que circula, escasso, provém da venda de produtos de consumo imediato como banana, farinha, carne de caça ou pesca e rapadura produzida em pequena quantidade por alguns poucos índios, através do antigo processo da engenhoca.

As principais unidades de recursos utilizadas são as áreas de igarapés, lagos e florestas que circundam as aldeias. Estas áreas são caracterizadas como vias de transporte e fonte de alimentos, essenciais para a sobrevivência das comunidades.

Dentro dos limites definidos pela equipe, são encontradas áreas para extração de produtos de origem vegetal e animal, agricultura e preservação da qualidade da biodiversidade existente na região. Vale lembrar aqui que os índios, conscientes ou não, estão manejando o ambiente através da caça, pesca e coleta vegetal. Preservam e perpetuam, com seus modos próprios de perceber o mundo, seu ambiente. Desta forma, é mister que se tenha em mente a necessidade de garantir ao grupo espaço suficiente para que possam continuar com suas práticas culturais e econômicas, de certa forma, preservacionistas.

A regularização da área proposta, além de garantir a sobrevivência do povo de São Sebastião, ainda estará contribuindo para que parte da floresta amazônica seja conservada. Conforme exposto, membros da sociedade envolvente têm utilizado alguns recursos de forma irracional, comprometendo o bom desenvolvimento da fauna e flora existentes na região e, conseqüentemente, o tradicional modo de vida destes índios. Esta triste realidade vem acontecendo na maior parte das terras indígenas brasileiras, que, como se sabe, sofrem algum tipo de interferência, apresentando níveis consideráveis de degradação ambiental, devido à exploração ilegal de recursos naturais e à implantação de empreendimentos nessas áreas e no seu entorno.

A Constituição Federal, em seu 231 § 2º, declara que "as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhe o **usufruto exclusivo** das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nela existentes". Assim sendo, fica claro a necessidade de se levar a cabo o processo de demarcação da Terra Indígena São Sebastião, como forma de inibir a ação de invasores (peixeiros e madeireiros). Outrossim, tal procedimento permitiria ao povo de São Sebastião um maior reconhecimento e respeito, não só das comunidades vizinhas, mas de boa parte do município. Isto porque, durante o trabalho de campo, observou-se uma total discriminação por parte de órgãos municipais que não reconhecem a identidade étnica dos Caixana e Kokama existentes na região, talvez pelo fato de não se ter devidamente regularizada a situação da Terra Indígena São Sebastião.

Por fim, e com o intuito de aumentar a eficiência de futuros projetos interventores, sugere-se que se promova ações de proteção ambiental através da conscientização da comunidade e da sociedade envolvente sobre os danos advindos da exploração indevida de determinados recursos; identificação e controle de entrada de invasores e desenvolvimento de atividades ilícitas; e, identificação e difusão de tecnologias, indígenas ou não, consideradas apropriadas do ponto de vista ambiental e antropológico.

10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

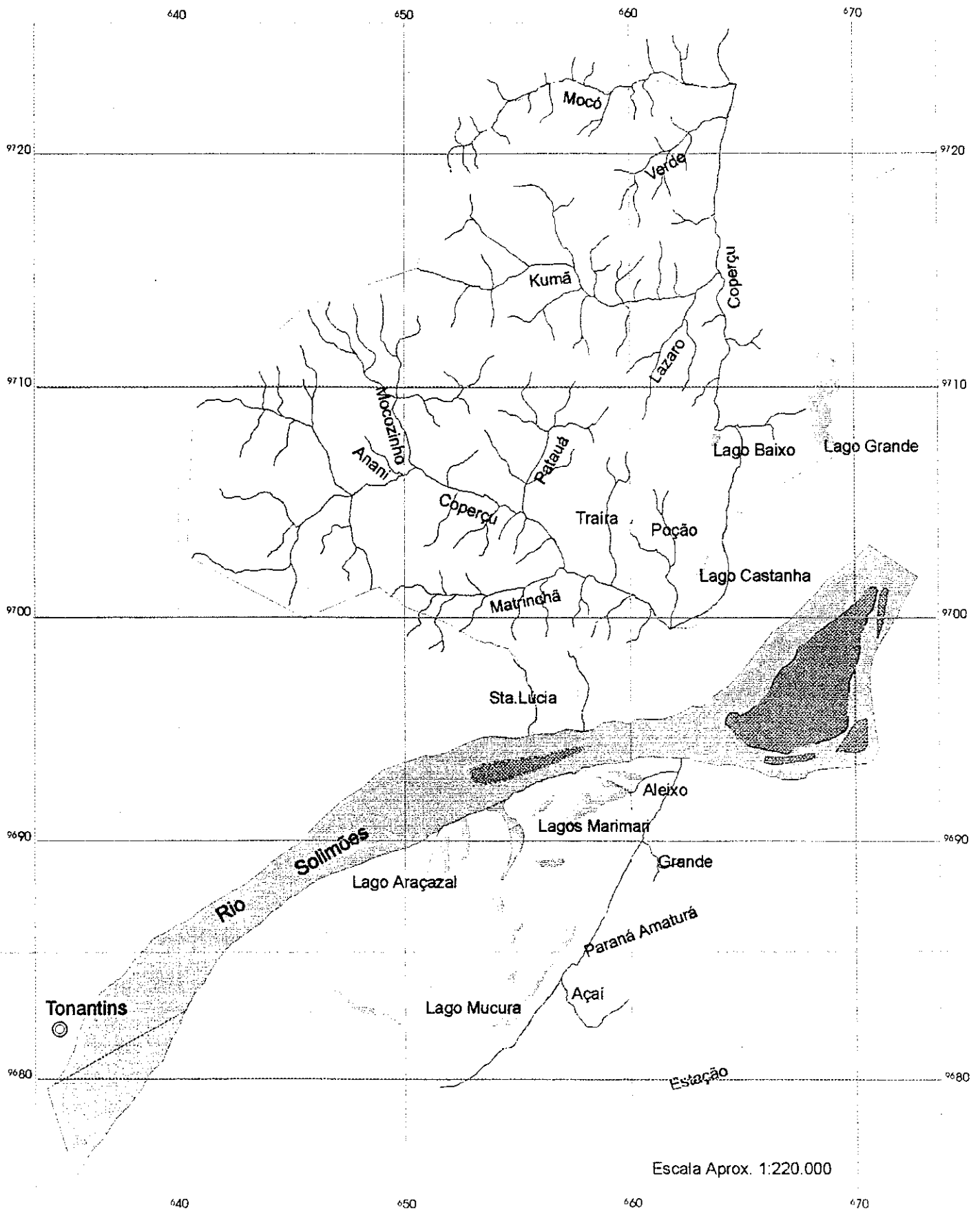
- Bernardes, C. **Jângala: complexo Araguaia**. Goiânia, Ed. Autor. 246p. 1994.
- Brasil/DNPM. **Projeto RADAMBRASIL**. Folha SA.19 Içá; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro, DNPM/Projeto RADAMBRASIL. 452p. 1977.
- Brito, S. S. (ed.) **Desafio Amazônico: o futuro da civilização dos trópicos**. Brasília, Editora da Universidade de Brasília; CNPq. 247p. 1990.
- Calouro, A. M. **Caça de subsistência: sustentabilidade e padrões de uso entre seringueiros ribeirinhos e não ribeirinhos do estado do Acre**. Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade de Brasília. 82p. 1995.
- Carvalho, C. T. **Dicionário dos mamíferos do Brasil**. São Paulo, Nobel. 135p. 1979.
- Carvalho, J. C. (coord.) **Atlas da fauna brasileira**. São Paulo, Melhoramentos. 128p. 1978.
- Corrêa, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 6 vol. 1978.
- IBAMA/DIRPED/LPF. **Madeiras da Amazônia: características e utilização**. Brasília, IBAMA. vol. 3, 141p. 1997.
- IBGE. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Série Manuais Técnicos em Geociências, número 1. Rio de Janeiro, IBGE. 92p. 1991.
- Jensen, A. A. **Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. 88p. 1988.
- Lorenzini, H. (coord.) **Palmeiras no Brasil: exóticas e nativas**. Nova Odessa, Editora Plantarum. 320p. 1996.
- Lorenzini, H. **Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa, Editora Plantarum. 366p. 1992.
- Magalhães, J. P. **Comentários ao Código Florestal (Lei nº 4.771, de 15/09/65)**. Brasília, Senado Federal – Centro gráfico. 199p. 1980.
- Meggers, B. **Amazônia: a ilusão de um paraíso**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 239p. 1987.
- Senado Federal. **Legislação do Meio Ambiente: atos internacionais e normas federais**. Brasília, Senado Federal - Subsecretaria de Edições Técnicas. 2v. 1996.
- Smith, N. J. H. **A pesca no rio Amazonas**. Manaus, CNPq/INPA. 154p. 1979.
- Spix, J. B. von & Martius, P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. vol. 3, 326p. 1981.

11. ANEXOS

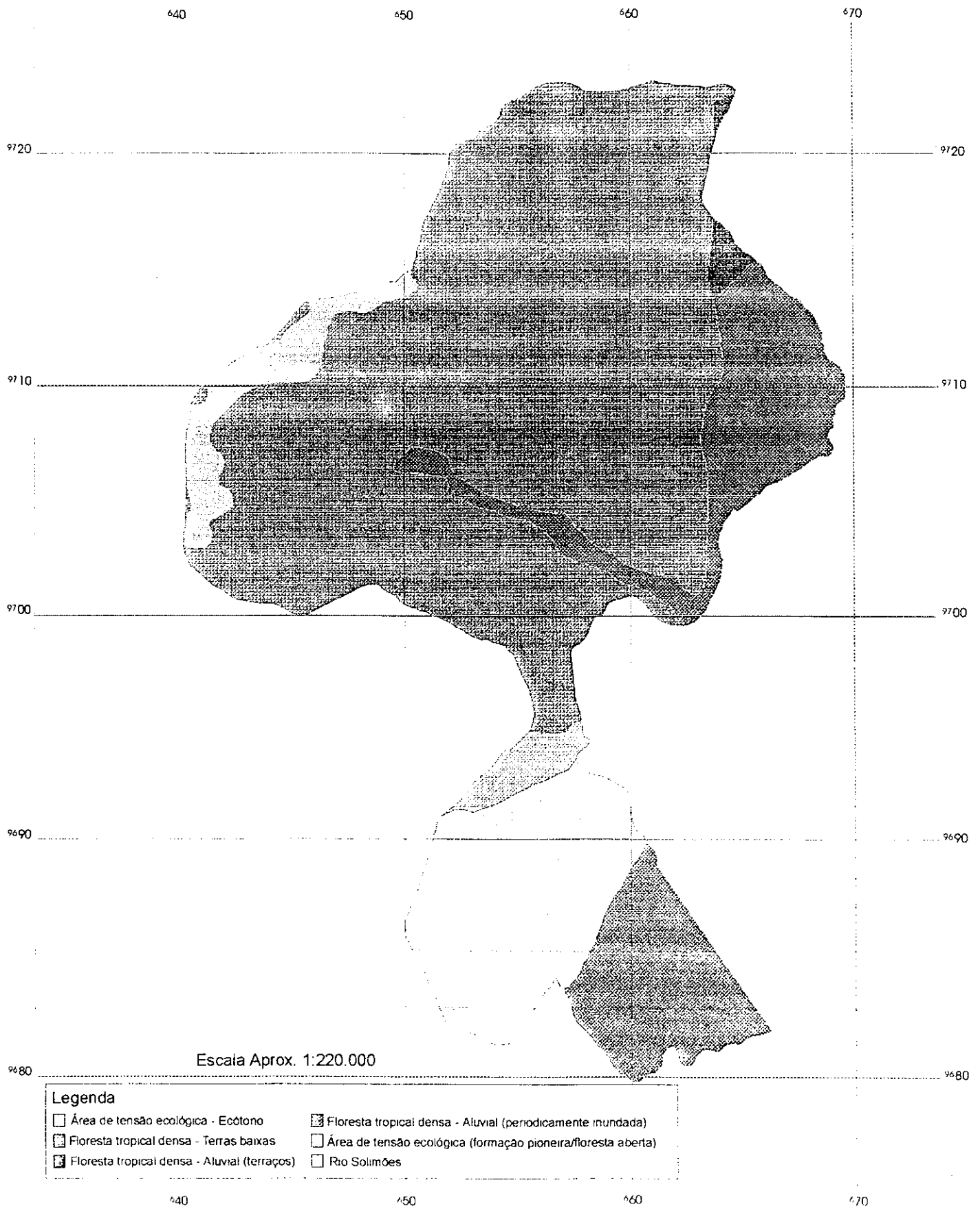
Mapas

Tabelas.

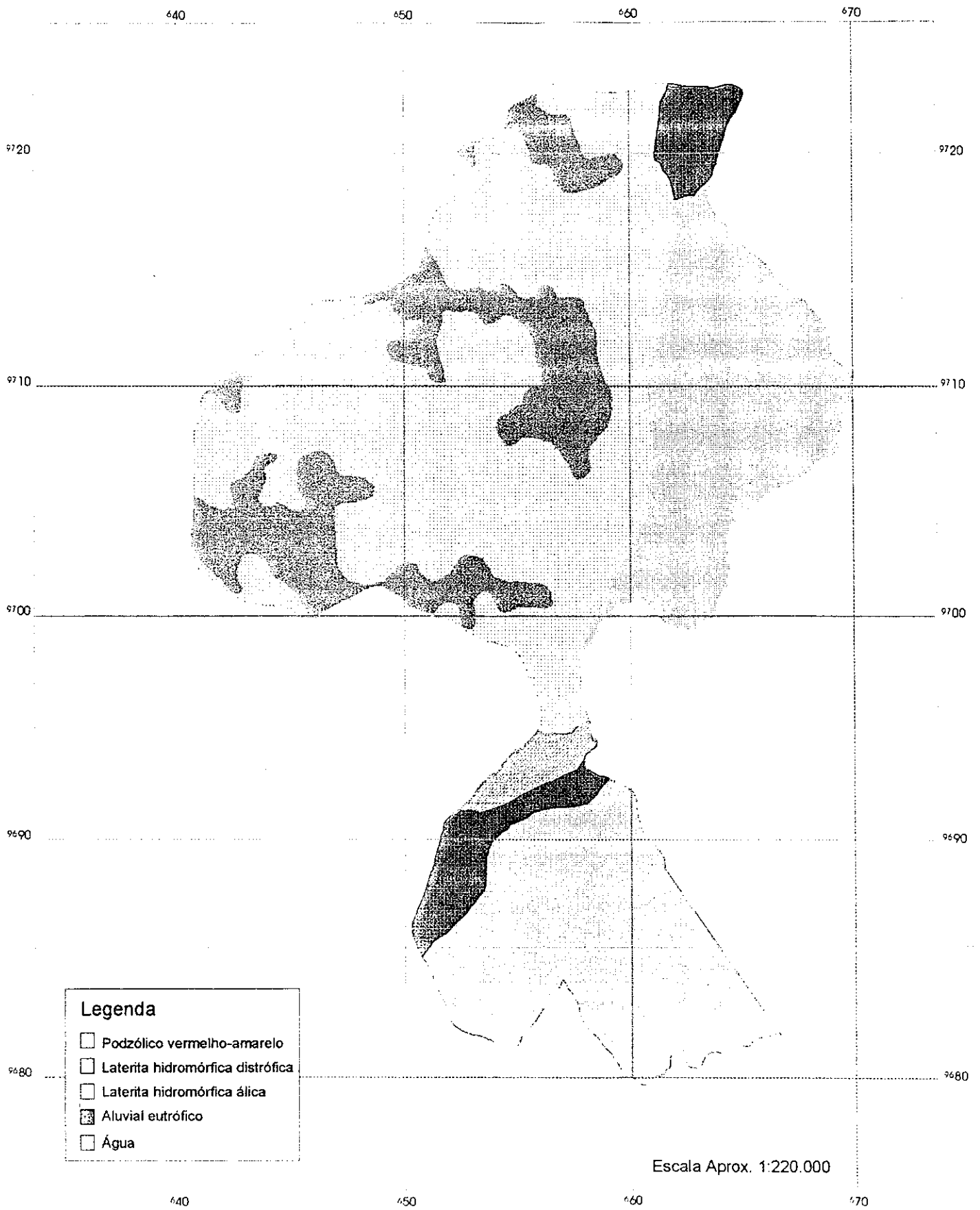

Luciana de Oliveira Machado 16



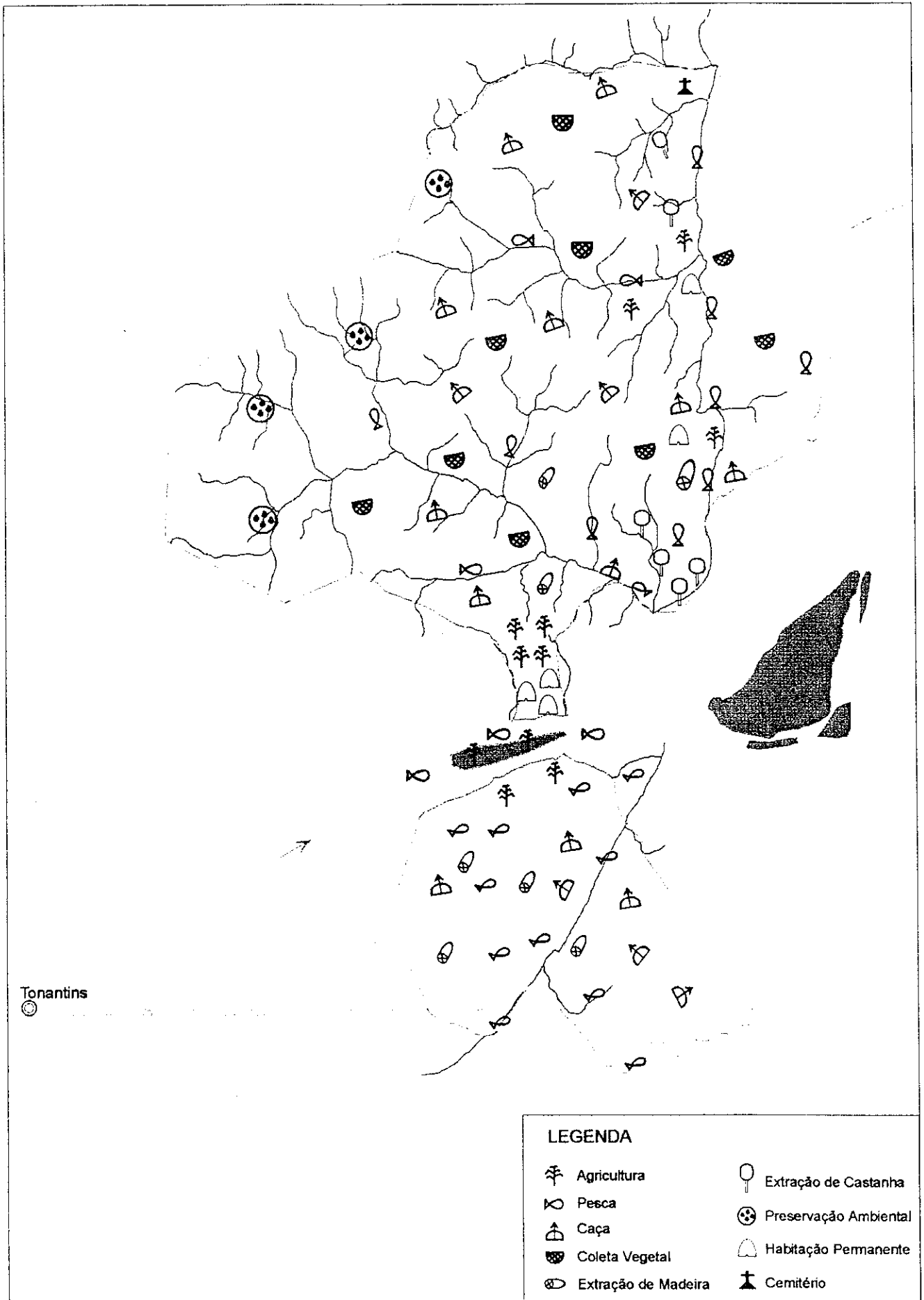
Mapa 01: Terra Indígena São Sebastião - limites e malha hidrográfica.



Mapa 02: Regiões Fitoecológicas da Terra Indígena São Sebastião.



Mapa 03: Regiões Edáficas da Terra Indígena São Sebastião



Mapa 04: Recursos utilizados pelos Caixana e Kokama da Terra Indígena São Sebastião

Tabela 01: Espécies animais utilizadas pelos Caixana e Kokama em sua dieta alimentar.

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	AMBIENTE	OCORRÊNCIA	CLASSE
Anta *	<i>Tapirus terrestris</i>	terra firme/várzea	abundante	mamífero
Araçari	<i>Pteroglossus aracari</i>	terra firme/várzea	comum	ave
Araras	<i>Ara spp.</i>	terra firme/várzea	pouco freqüente	ave
Cairara	<i>Cebus albifrons</i>	terra firme/várzea	comum	mamífero
Caititu	<i>Tayassu tajacu</i>	terra firme/várzea	comum	mamífero
Capelão	<i>Alouatta seniculus</i>	terra firme/várzea	abundante	mamífero
Capivara *	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	terra firme/beira rio	raro	mamífero
Cuiurera	N. I.**	várzea	comum	ave
Cujubim	<i>Pipile pipile</i>	terra firme/várzea	comum	ave
Curica	<i>Pionopsitta barrabandi</i>	terra firme/várzea	comum	ave
Cutia	<i>Dasyprocta agouti</i>	terra firme/várzea	abundante	mamífero
Cutiara	<i>Myoprocta acouchi</i>	terra firme	comum	mamífero
Garça real	<i>Ptilherodius pileatus</i>	várzea	comum	ave
Jaburu	<i>Euxenura maguari</i>	várzea (lagos)	comum	ave
Jabuti	<i>Geochelone denticulata</i>	terra firme	comum	réptil
Jacamim	<i>Psophia leucoptera</i>	terra firme/várzea	comum	ave
Jacu	<i>Penelope jacquacu</i>	terra firme/várzea	abundante	ave
Jacutana	N. I.	terra firme	comum	ave
Macaco barrigudo *	<i>Lagothrix lagothricha</i>	terra firme	comum	mamífero
Macaco de cheiro	<i>Saimiri sciureus</i>	terra firme/várzea	comum	mamífero
Macaco preto (coatá)	<i>Ateles paniscus</i>	várzea	raro	mamífero
Macaco-acari	<i>Cacajao melanocephalus</i>	várzea	comum	mamífero
Macaco-guariba	<i>Alouatta seniculus</i>	terra firme/várzea	abundante	mamífero
Macaco-prego	<i>Cebus apella</i>	terra firme/várzea	abundante	mamífero
Macado da noite	<i>Aotus trivirgatus</i>	terra firme/várzea	comum	mamífero
Maguari	<i>Ardea cocoi</i>	terra firme/várzea	comum	ave
Matamatá	<i>Chelys fimbriatus</i>	igarapés/lagos/rio (praia)	comum	réptil
Mergulhão	<i>Mergus octosetaceus</i>	várzea/beira rio	abundante	ave
Mucura	<i>Didelphis marsupialis</i>	terra firme	comum	mamífero
Mutum *	<i>Mitu mitu</i>	terra firme	comum	ave
Mutum-açu	<i>Crax sp.</i>	terra firme/várzea	comum	ave
Mutum-pinima	<i>Crax fasciolata pinima</i>	várzea	comum	ave
Nambu-galinha	<i>Tinamus gutatus</i>	terra firme/várzea	comum	ave
Nambu-macucau	<i>Tinamus major</i>	terra firme/várzea	abundante	ave
Paca *	<i>Agouti paca</i>	terra firme/várzea	abundante	mamífero
Parauacu	<i>Pithecia irrorata</i>	terra firme	comum	mamífero
Pato do mato	<i>Cairina moschata</i>	terra firme/várzea	comum	ave
Peixe-boi	<i>Trichechus inunguis</i>	-	pouco freqüente	mamífero
Preguiça bentinha	<i>Bradypus tridactylus</i>	várzea	comum	mamífero
Preguiça real	<i>Choloepus didactylus</i>	terra firme	raro	mamífero
Quati	<i>Nasua nasua</i>	terra firme/várzea	comum	mamífero
Quatipuru preto	<i>Sciurus aestuans paraensis</i>	várzea	comum	mamífero
Quatipuru vermelho	<i>Sciurus sp.</i>	terra firme/várzea	comum	mamífero
Queixada *	<i>Tayassu pecari</i>	terra firme/várzea	abundante	mamífero
Socó	<i>Botaurus pinnatus</i>	terra firme/várzea	abundante	ave
Tamanduá	<i>Cyclopes didactylus</i>	terra firme	raro	mamífero
Tartaruga *	<i>Podocnemis expansa</i>	igarapés/lagos/rio (praia)	pouco freqüente	réptil
Tatu verdadeiro	<i>Dasybus novemcinctus</i>	terra firme/várzea	abundante	mamífero
Tatu-canastra	<i>Priodontes maximus</i>	terra firme	comum	mamífero
Tatu-rabo chato	<i>Dasybus kappleri</i>	terra firme	comum	mamífero
Tracajá cabeçudo *	<i>Pelteocephalus tracaxus</i>	igarapés/lagos/rio (praia)	comum	réptil
Tracajá/Zé prego	<i>Podonermis unifilis</i>	igarapés/lagos/rio (praia)	pouco freqüente	réptil
Tucano	<i>Ramphastus sp.</i>	terra firme/várzea	comum	ave
Tuiuiu	<i>Jabiru mycteria</i>	várzea (lagos)	comum	ave
Veado capoeira	<i>Mazama americana</i>	terra firme	comum	mamífero
Veado roxo	<i>Mazama gouazoubira</i>	terra firme	comum	mamífero
Zogue-zogue	<i>Callicebus moloch</i>	terra firme	comum	mamífero

* espécies utilizadas também para comercialização

**N. I.: espécies não identificadas

Tabela 02: Lista de peixes utilizados pelos Caixana e Kokama em sua dieta alimentar.

NOME REGIONAL	NOME CIENTIFICO	AMBIENTE	ESTAÇÃO
Acará	<i>Aequidens duopunctatus</i>	igarapés/lagos	verão
Acará-açu	<i>Astronotus ocellatus</i>	igarapés/lagos	verão
Acará-antá	Ciclídeo	igarapés/lagos	verão
Acará-disco	<i>Symphosodon discus</i>	igarapés/lagos	verão
Acará-prata	<i>Chaetobranchus flavescens</i>	igarapés/lagos	verão
Acará-roxo	<i>Cichlosoma</i> sp.	igarapés/lagos	verão
Acaratinga	<i>Geophagus surinamensis</i>	igarapés/lagos	verão
Aruaná (macaco d'água)	<i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	igarapés/lagos	verão
Bacu	<i>Pterodoras granulosus</i>	igarapés/rio	inverno/verão
Barba-chata (barbado)	<i>Pinirampus pinirampu</i>	rio	verão
Bico de pato (xiripirá)	<i>Surubim lima</i>	rio	verão
Bodó (acari)	<i>Hypostomus cf. plecostomus</i>	lagos	inverno/verão
Branquinha	<i>Curimata amazonica</i>	lagos/beira de rio	verão
Caparari	N. I.*	igarapés/rio	verão
Cará	<i>Cichlasoma spectabile</i>	igarapés/lagos	verão
Cuiú-cuiú	<i>Pseudodoras niger</i>	igarapés/lagos/rio	inverno/verão
Curimatã	<i>Prochilodus nigricans</i>	lagos/rio	verão
Dourada	<i>Goslinia platynema</i>	rio	verão
Jacundá	<i>Crenicichla johana</i>	igarapés/lagos	verão
Jandiá	<i>Rhampia quelen</i>	igarapés/lagos/rio	inverno/verão
Jaraqui	<i>Prochilodus brama</i>	igarapés/lagos/rio	inverno/verão
Jatuarana (canuri)	<i>Brycon</i> sp.	igarapés/lagos	verão
Mandi	<i>Pimelodus blochii</i>	rio	verão
Mandi-cangati	<i>Parauchenipterus galeatus</i>	igarapés	verão
Mandi-claro	<i>Pimelodella cristata</i>	barreiro terra firme	verão
Mandi-moela (peixe-moela)	<i>Pimelodina flavipinnis</i>	rio	verão
Matrinchá	<i>Brycon</i> sp.	igarapés/lagos/rio	verão
Pacamum (jaú)	<i>Paulicea luetkeni</i>	igarapés/rio	inverno/verão
Pacu	<i>Myleus</i> sp.	lagos/beira de rio	inverno/verão
Peixe arenga (sardinhão)	N. I.	rio	verão
Peixe-agulha (bicuda)	<i>Boulengerella</i> sp.	igarapés	verão
Peixe-cachorra	<i>Hydrolycus scomberoides</i>	lagos/rio	verão
Pescada	<i>Plagioscion squamosissimus</i>	lagos/rio	verão
Piau (aracu)	<i>Leporinus friderici</i>	igapó/lagos/rio	verão
Piraíba	<i>Brachyplatystoma</i> sp.	rio	inverno/verão
Piramutaba (peixe-branco)	N. I.	rio	verão
Piranha	<i>Serrasalmus</i> sp.	lagos/rio	inverno/verão
Pirapitinga	<i>Colossoma bidens</i>	igarapés/lagos/rio	inverno/verão
Pirarara	<i>Phactcephalus hemiliopterus</i>	lagos/rio	verão
Pirarucu	<i>Arapaima gigas</i>	lagos/rio	inverno/verão
Pirauaca (peixe-lenha)	<i>Sorubimichthys planiceps</i>	rio	verão
Sardinha	<i>Triportheus albus</i>	lagos/rio	inverno/verão
Surubim	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>	igarapés/rio	inverno/verão
Tambaqui	<i>Colossoma bidens</i>	igarapés/lagos/rio	inverno
Traíra	<i>Hoplias malabariscus</i>	igarapés/lagos	verão
Tucunaré	<i>Cichla ocellaris</i>	lagos	verão

* N. I.: espécies não identificadas

Tabela 03: Espécies vegetais nativas utilizadas pelos Caixanas e Kokamas da Terra Indígena São Sebastião

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	HÁBITO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Abacatirana	<i>Aniba burchelli</i>	arbóreo	tronco	comercial: venda de toras; madeira para canoa, móveis e casa
Abiurana	<i>Lucuma lasiocarpa</i>	arbóreo	fruto, tronco	alimentação; madeira para casa, carreira para embarcação
Abiurana cabeça de macaco	N. I.*	arbóreo	fruto	alimentação
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i>	palmeira	folha, fruto	medicinal: hepatite; alimentação
Açaí do mato	<i>Euterpe precatoria</i>	palmeira	fruto	alimentação
Acapu	<i>Vouacapoua americana</i>	arbóreo	tronco	alimentação; madeira para construção de casas, assoalho, parede, viga
Acapu juruti	<i>Cassia adiantifolia</i>	arbóreo	tronco	madeira para construção de casas e lenha
Acapu quariquara	<i>Minquartia punctata</i>	arbóreo	tronco	comercial: madeira para venda; construção de móveis
Acapurana	<i>Campisandra laurifolia</i>	arbóreo	casca, tronco	medicinal: disenteria e ferimentos; madeira para lenha
Ananá do mato	<i>Ananas sativus</i>	-	folha	medicinal: verme
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>	arbóreo	semente (óleo)	medicinal: cáibra e ferimentos (cortes); madeira para móveis
Aninga	<i>Caladium sororium</i>	herbáceo	folha	medicinal: úlcera
Anuirá	<i>Licania macrophylla</i>	arbóreo	tronco	madeira para canoa e casa
Apui	<i>Ficus ninphaefolia</i>	arbóreo	tronco (látex)	medicinal: espinhela caída (dor nas costas)
Araçazinho	<i>Psidium microcarpum</i>	arbóreo	tronco	usado para fazer tapiri no mato
Arapari	<i>Macrolobium acaciaefolium</i>	arbóreo	tronco; fruto	comercial: venda de tábua para serraria; atrativo para bicho de casco (fruto)
Arumã	<i>Ischnosiphon ovatus</i>	palmeira	raque (fibra)	artesanato: peneira, tipiti
Assacu	<i>Hura creptans</i>	arbóreo	tronco	comercial: venda de toras; construção de canoa
Atiri	N. I.	arbóreo	fruto; tronco	alimentação; madeira para casa e cabo de machado
Babaçu	<i>Attalea speciosa</i>	palmeira	fruto	atrativo de animais (queixada e caititu)
Bacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i>	palmeira	fruto, tronco	alimentação, preparação de vinho; madeira para casa
Bacuri	<i>Platonia insignis</i>	arbóreo	fruto, casca (leite), folha	alimentação, suco; medicinal: inchaço (leite); palha para cobertura de casas
Bacuri liso	<i>Attalea phalerata</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Barba de cobra	N. I.	arbóreo	tronco	madeira para curral de peixes (baixa durabilidade)
Baú-baú	N. I.	arbóreo	fruto	medicinal: 'pira' (mancha na pele)
Bochecha de velho (Turupé)	<i>Salacia polyanthomaniaca</i>	liana	fruto	alimentação
Breu anani	<i>Symphonia globulifera</i>	arbóreo	casca (exsudado)	calafetar barco e canoa
Breu branco	<i>Protium sp.</i>	arbóreo	casca (exsudado)	medicinal: dor de cabeça; calafetar barco e fazer fogo
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i>	palmeira	fruto	alimentação, 'tapuru' comestível
Buritirana	<i>Mauritia aculeata</i>	palmeira	fruto	pesca: isca para peixes e atrativo para bichos de casco
Cabeça de urubu	<i>Duroia saccifera</i>	arbustivo	fruto	alimentação
Cacau	<i>Theobroma cacao</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Cacauí (cacaurationa)	<i>Theobroma speciosum</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Caferana	<i>Tachia guyanensis</i>	arbóreo	tronco	madeira para lenha
Caiaué	<i>Elaeis oleifera</i>	arbóreo	tronco	madeira para construção de casas
Cajurana	<i>Simaba sp.</i>	arbóreo	tronco; fruto	tábua para casa; pesca: isca para peixe
Camu camu	N. I.	arbóreo	fruto	alimentação, suco

Relatório Ambiental – Terra Indígena São Sebastião

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	HÁBITO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Canela de velha	<i>Miconia serialis</i>	arbóreo	tronco	madeira para lenha
Capara	N. I.	arbusto	casca	medicinal: disenteria
Capinuri	<i>Drypetes variabilis</i>	arbóreo	tronco	tábua para construção de casas
Caramuri	<i>Sarcaulus brasiliensis</i>	arbóreo	fruto; tronco	alimentação; comercial: venda de tábuas para serraria
Caraná	<i>Mauritia carana</i>	palmeira	folha	palha para cobertura de casas
Caraná-i	<i>Mauritella aculeata</i>	palmeira	folha	palha para cobertura de casa
Carapanaúba	<i>Aspidosperma carapanauba</i>	arbóreo	casca; tronco	medicinal: inflamação no fígado (hepatite), rim, anemia; fabrico de pequenos objetos (remo, batedor, cabo de machado)
Castanha	<i>Bertholletia excelsa</i>	arbóreo	casca; fruto	alimentação; medicinal: diarreia e reumatismo
Catuare	<i>Crataeva benthami</i>	arbóreo	fruto	pesca: isca para peixe
Cauichi	N. I.	arbóreo	tronco	madeira para canoa
Cauichirana	<i>Olmedia calophylla</i>	arbóreo	tronco	comercial: tábuas para venda; madeira para assoalho de casa e construção de batelão e canoa
Caxinguba	<i>Ficus anthelmintica</i>	arbóreo	tronco (látex)	medicinal: malária, doenças intestinais, purgante para vermes, 'unheira' (micose)
Caxinguba folha miúda	<i>Ficus</i> sp.	arbóreo	folha	medicinal: lombrigueira
Cedrinho	N. I.	arbóreo	tronco	comercial: madeira para venda
Cedro	<i>Cedrela odorata</i>	arbóreo	casca; tronco	medicinal: reumatismo, 'mãe do corpo' (dor no corpo); comercial: madeira para venda
Cedrorana	<i>Cedrelinga catenaeformis</i>	arbóreo	tronco	madeira para móveis, casa e canoa
Cipó ambé	<i>Philodendron</i> sp.	liana	fibra	artesanato: paneiro, aturá, cestos
Cipó azul	N. I.	liana	fibra	pesca: amarrar curral de peixe
Cipó de fogo	<i>Cissus erosa</i>	liana	cipó (caule)	medicinal: inflamação do útero
Cipó ituá	<i>Gnetum</i> sp.	liana	fruto	alimentação
Cipó titica	<i>Heteropsis Jenmani</i>	liana	raque(fibra)	artesanato: paneiro, vassoura; medicinal: cipó - picada de tucandeira (formiga)
Comida de cujubim	N. I.	arbóreo	fruto	caça: atrativo (alimento) de animais
Copaiba	<i>Copaifera</i> sp.	arbóreo	casca; tronco	medicinal: vômitos, dor de dente, ferimentos, pneumonia e torcicolo (exsudado); derrame; comercial: venda de toras
Coração de negro	<i>Swartzia grandifolia</i>	arbóreo	tronco	comercial: madeira para venda (carreira para embarcação)
Corujinha	N. I.	arbóreo	tronco	madeira para construção de casas
Cubiu	<i>Solanum sessiflorum</i>	arbóreo	folha	medicinal: picada de cobra e queimaduras
Cumarú	<i>Coumarouma odorata</i>	arbóreo	tronco	madeira para carvão
Cupiúba	<i>Goupia glabra</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Cupuí	<i>Theobroma subincantum</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Curarina	N. I.	arbusto	casca	medicinal: picada de cobra
Dente de preguiça	N. I.	arbóreo	tronco	madeira para carvão (forno para torrar farinha)
Embaúba	<i>Cecropia</i> sp.	arbóreo	fruto	pesca: isca para peixes; atrativo para periquito e anta
Embaúba branca	<i>Cecropia sciadophylla</i>	arbóreo	folha	medicinal: hepatite
Envira	<i>Annona</i> sp.	arbóreo	raque (fibra)	artesanato: alça para paneiro (corda)
Envira ferro	N. I.	arbóreo	tronco	madeira para construção de casa (casca muito dura)

Relatório Ambiental – Terra Indígena São Sebastião

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	HÁBITO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Envira fita	N. I.	arbóreo	tronco	madeira para lenha
Envira preta	<i>Guatteria poeppigiana</i>	arbóreo	tronco	madeira para caibro e travessa (casa)
Envira sangue	N. I.	arbóreo	tronco	madeira para casa (baixa durabilidade)
Envira surucucu	<i>Duguetia echinophora</i>	arbustivo	tronco	vara para pesca ('caniço')
Faveira	<i>Vatairea paraensis</i>	arbóreo	fruto	medicinal: impingem e curuba; madeira para tábua de casa
Freijó	<i>Cordia goeldiana</i>	arbóreo	madeira	construção de casas e móveis
Gapuí	<i>Martinella obovata</i>	liana	casca	medicinal: irritação nos olhos
Guariba	N. I.	arbusto	raiz (tubérculo)	medicinal: 'tosse de guariba' (coqueluche)
Guariúba	<i>Clarisia racemosa</i>	arbóreo	tronco; fruto	alimentação; madeira para casa e canoa
Ingarana	<i>Pithecelobium</i> sp.	arbóreo	fruto	alimentação
Itaúba	<i>Mezilaurus itauba</i>	arbóreo	tronco	embarcação: madeira para construção de canoa
Itaubarana	<i>Sweetia nitens</i>	arbóreo	tronco	madeira para casa e canoa
Itumba	N. I.	arbustivo	fruto	alimentação
Iurara bucha (Veia de mutum)	<i>Lucunaria Jenmani</i>	liana	tronco	ripa para curral de peixes
Jacareúba	<i>Calophyllum brasiliense</i>	arbóreo	tronco	comercial: madeira para venda (serraria); tábuas para construção de casas
Jacitara	<i>Desmoncus orthacanthos</i>	palmeira	raque (fibra)	artesanato: confecção de tipiti e peneira
Jataúba	<i>Guarea trichilioides</i>	arbóreo	casca	medicinal: malária e hepatite, comercial: madeira para venda; madeira para canoa
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	arbóreo	fruto; casca	alimentação; medicinal: tosse, tuberculose
Jauari	<i>Astrocaryum jauari</i>	palmeira	palmito; frutos	alimentação; isca para peixe
Jenipapinho	<i>Duroia genipoides</i>	arbóreo	fruto	alimentação, suco
Jenipapo	<i>Genipa americana</i>	arbóreo	fruto	alimentação, suco; madeira para tábua de casa
Jurubeba	<i>Solanum</i> sp.	arbusto	fruto	medicinal: fígado
Jutai	<i>Hymenaea parvifolia</i>	arbóreo	fruto; casca	alimentação
Jutai (Jutá pururuca)	<i>Dialium guianense</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Lacre	<i>Vismia cayennensis</i>	arbóreo	tronco (látex)	medicinal: impigem, 'pira' (ferida)
Limorana	N. I.	arbóreo	tronco	madeira para esteio de casa
Louro	<i>Nectandra pichurim</i>	arbóreo	tronco	comercial: madeira para venda; madeira para casas e móveis
Louro aritu	<i>Licaria aritu</i>	arbóreo	tronco	comercial: madeira para venda
Louro namul	<i>Ocotea cymbarum</i>	arbóreo	tronco (óleo)	medicinal: reumatismo, cortes, infecção, dores
Louro preto	<i>Nectandra mollis</i>	arbóreo	tronco	comercial: venda de toras e tábuas
Macacarecuia	<i>Eschweilera pachisepala</i>	arbóreo	tronco; casca	comercial: venda de toras; medicinal: reumatismo
Macacaúba	<i>Platymiscium Duckei</i>	arbóreo	tronco	comercial: venda de toras
Maçaranduba	<i>Manilkara Huberi</i>	arbóreo	tronco; fruto	comercial: venda de látex; alimentação; madeira para assoalho de casa e para construção de batelão
Macucu	<i>Macoubea guyanensis</i>	arbóreo	casca	artesanato: tingir remo e cuia
Malvarisco	<i>Althaea officinalis</i>	arbusto	folha	medicinal: dor de cabeça
Manichi	<i>Brosimopsis oblongifolia</i>	arbóreo	fruto	alimentação; pesca: atrativo para macaco
Mapatirana	<i>Pourouma paraensis</i>	arbóreo	fruto	alimentação; atrativo para macaco
Marajá	<i>Bactris</i> sp.	palmeira	tronco	pesca: curral de peixes

Relatório Ambiental – Terra Indígena São Sebastião

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	HÁBITO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Marajá-açu	<i>Astrocaryum gynacanthum</i>	palmeira	fruto	alimentação
Marajazinho	<i>Bactris tomentosa</i>	palmeira	fruto	alimentação
Maria mole	<i>Gilbertia cuneata</i>	herbácea	flor	medicinal: dor nos olhos
Marirana	<i>Couepia subcordata</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Matamatá	<i>Eschweilera odora</i>	arbóreo	casca	artesanato: envira para paneiro
Matamatá liso	<i>Eschweilera sp.</i>	arbóreo	casca	medicinal: verme (ameba), dor de barriga, diarreia
Maúba	<i>Clinostemon mahuba</i>	arbóreo	tronco	construção de canoa e casa
Morrão	N. I.	arbóreo	tronco	comercial: madeira para venda (serraria)
Muirantá	N. I.	arbóreo	folha	medicinal: 'fraqueza nos nervos'
Mulateiro	<i>Calycophyllum Spruceanum</i>	arbóreo	tronco	madeira para lenha; tábuas para casa; comercial: madeira para venda
Mulungu	<i>Erithrina mulungu</i>	arbóreo	tronco	fabricação de pequenos objetos (colher de pau, batedor)
Munguba	<i>Bombax munguba</i>	arbóreo	fruto	pesca: isca para peixes; alimento de periquito
Muruari	N. I.	arbóreo	fruto	alimentação
Muruchi	N. I.	arbóreo	casca	medicinal: problemas de intestino e estômago
Murumuru	<i>Astrocaryum murumuru</i>	palmeira	folha; fruto	artesanato: palha (olho) para vassoura, abano; alimento de animais
Mururé	<i>Brosimum acutifolia</i>	arbóreo	casca (látex)	medicinal: reumatismo, ferimentos, cortes, dor no corpo e lepra
Mututi	<i>Pterocarpus Rohrii</i>	arbóreo	fruto; tronco	alimentação; tábuas para porão de canoa; remo
Panã	<i>Perebea concinna</i>	arbóreo	tronco	madeira para móveis; comercial: tábuas para venda
Paracuúba	<i>Lecoitea amazonica</i>	arbóreo	tronco; fruto	hástia para pesca; fruto comida de peixe (tambaqui)
Paricá	<i>Parkia multijuga</i>	arbóreo	casca	medicinal: curuba (coceira) e golpe (cortes)
Paricarana	<i>Acacia riparia</i>	arbóreo	tronco	madeira para casa; tábuas para parede
Pariri	<i>Lucuma pariry</i>	palmeira	folha	empalhar comida
Patauá	<i>Oenocarpus bataua</i>	palmeira	fruto	alimentação e vinho
Pau de ralo	N. I.	arbóreo	tronco	madeira para fazer roda para cevar mandioca (antes do motor)
Pau rosa	<i>Aniba rosaedora</i>	arbóreo	folha	medicinal: dor de estômago
Paxiúba	<i>Socratea exorrhiza</i>	palmeira	tronco	madeira para assoalho e parede de casas
Paxiubão	<i>Iriartea deltoidea</i>	palmeira	tronco	ripa para fazer casas
Paxiubinha)	<i>Iriartella setigera</i>	palmeira	tronco	madeira para bengala e lenha; ripa para tecer ubim (cobertura de casas)
Piquiá	<i>Caryocar villosum</i>	arbóreo	fruto	alimentação
Piquiarana	<i>Caryocar glabrum</i>	arbóreo	tronco	madeira para serraria (tábua)
Piranheira	<i>Piranhea tri foliolata</i>	arbóreo	tronco	comercial: madeira para venda (muito dura); móveis
Punã	<i>Irianthera tricornis</i>	arbóreo	tronco	madeira para casa e móveis
Pupunha de tambaqui	<i>Guilielma microcarpa</i>	palmeira	fruto	pesca: isca para peixes
Puruí	<i>Alibertia sorbilis</i>	arbóreo??	fruto	alimentação
Rabo de guariba	N. I.	arbóreo	fruto	fruto comestível (tipo de ingá)
Ripeira	<i>Eschweilera polyantha</i>	arbóreo	tronco	fibra para lamparina; madeira para casa (alta durabilidade)
Saboneteira	<i>Sapindus saponaria</i>	arbóreo	fruto	fazer sabão
Sanango	N. I.	arbusto	folha	estimular faro de cachorro caçador
Sapota	<i>Salacia sp.</i>	arbóreo	arbóreo	pequenos objetos: sapopema para quilha de canoa e remo

Relatório Ambiental – Terra Indígena São Sebastião

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	HÁBITO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Seringa	<i>Hevea brasiliensis</i>	arbóreo	tronco	comercial: látex para venda (borracha)
Seringa barriguda	<i>Hevea Spruceana</i>	arbóreo	arbóreo	comercial: toras para venda; comida de peixes e aves
Seringai	<i>Hevea sp.</i>	arbóreo	fruto	pesca: isca de peixe (matrinchá, sardinha, bicho de casco)
Seringarana	<i>Sapium marmieri</i>	arbóreo	fruto	alimento de animais
Sororoca	<i>Musa sp.</i>	arbusto	folha	palha para cobertura de abrigo ('tapiri')
Sorva	<i>Couma guianensis</i>	arbóreo	fruto; tronco	alimentação; látex para calafetar barco
Sucuuba	<i>Plumeria sucuuba</i>	arbóreo	casca (látex)	medicinal: anti-inflamatório, inchaço, febre, reumatismo
Sumaúma	<i>Ceiba pentandra</i>	arbóreo	tronco	comercial: venda de toras para serraria
Supiarana	N. I.	arbóreo	fruto	pesca: isca de peixe e bicho de casco
Taboca	<i>Guadua superba</i>	arbusto	tronco (colmo)	pesca: curral de peixes e vara para pescar ('caniço')
Tajá	<i>Caladium bicolor</i>	herbáceo	casca	medicinal: picada de insetos
Tamanqueira	<i>Fagara rhoifolia</i>	arbóreo	casca	medicinal: inchaço
Tanimbuca	<i>Buchenavia Huberi</i>	arbóreo	fruto; tronco	alimentação; madeira para canoa
Taperebá	<i>Cassia leptocarpa</i>	arbóreo	casca	medicinal: ferimentos
Taquari	<i>Maeba paniculata</i>	liana	fruto	alimentação
Taro-taro	N. I.	arbóreo	tronco	construção de casas
Tento	<i>Ormosia cuneata</i>	arbóreo	semente	medicinal: rim e hérnia
Tequelé (Pirum)	N. I.	arbóreo	fruto	alimento para porco
Timbó	<i>Paullinia sp.</i>	liana	raque (fibra)	veneno para peixe (proibido)
Timbó-açu	<i>Derris negrensis</i>	liana	raque (fibra)	artesanato: confecção de paneliro, panela
Tirica	<i>Cyperus rotundus</i>	liana	folha	armadilha para morcego
Tucum bravo	<i>Bactris setosa</i>	palmeira	fruto	alimentação
Tucum mirim	<i>Bactris major var infesta</i>	palmeira	folha	palha para cobertura de casa
Tucumã	<i>Astrocaryum tucuma</i>	palmeira	fruto; folha	alimentação; medicinal: cáibra
Tucumã-í	<i>Astrocaryum acaule</i>	palmeira	fruto	alimentação
Turimã	<i>Laetia sp.</i>	arbóreo	tronco	madeira para lenha; isca (fruto) para peixe
Tururirana	N. I.	palmeira	folha	artesanato: esteira para dormir
Ubim	<i>Geonoma spp.</i>	palmeira	folha	palha para cobertura de casas
Ubim de espinho	<i>Bactris bifida</i>	palmeira	folha	palha para cobertura de casas
Ubim mirim	<i>Bactris simplicifrons</i>	palmeira	folha	palha para cobertura de casas
Ubirana	N. I.	arbóreo	tronco	pesca: madeira para armadilha de peixe (curral)
Ucuubinha	Miristicaceae	arbóreo	casca	medicinal: 'curuba' (coceira), ferida
Uichi (uchi)	<i>Endopleura uchi</i>	arbóreo	casca	medicinal: diarreia e hemorragia
Urucurana	<i>Sloanea nitida</i>	arbóreo	sapopema	artesanato: fazer remo
Urucuri	<i>Attalea excelsa</i>	palmeira	folha	palha para cobertura de casa; tapuru comestível
Virola	<i>Virola surinamensis</i>	arbóreo	tronco	comercial: toras para venda; tábuas para casa
Xuxauaxi	N. I.	herbáceo	casca	reumatismo, 'frio no corpo', anemia e fraqueza

* N. I.: espécies não identificadas

Tabela 04: Espécies vegetais cultivadas na Terra Indígena São Sebastião.

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Abacate	<i>Persea americana</i>	fruto; folha	alimentação; medicinal: hepatite
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i>	fruto	alimentação
Abiu	<i>Pouteria caimito</i>	fruto	alimentação
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i>	fruto	alimentação
Algodão	<i>Gossypium sp.</i>	folha/broto	medicinal: coração, rim
Alho bravo	<i>Cipura paludosa</i>	caule	medicinal: dor no corpo, gripe
Ananá	<i>Ananas sp.</i>	fruto	alimentação
Araçá	<i>Psidium littorale</i>	fruto	alimentação
Ariá	<i>Calathea lutea</i>	rizoma	alimentação
Arroz	<i>Oryza sativa</i>	fruto	alimentação
Bacaba pequena	<i>Oenocarpus minor</i>	fruto; raiz	alimentação; medicinal: disenteria
Banana	<i>Musa spp.</i>	fruto	alimentação e venda
Batata-doce	<i>Ipomea batatas</i>	raiz	alimentação
Biribá	<i>Annona lanceolata</i>	fruto	alimentação
Café	<i>Coffea arabica</i>	fruto	alimentação
Caju	<i>Anacardium giganteum</i>	fruto; casca	alimentação; medicinal: diarreia
Cana	<i>Saccharum officinarum</i>	tronco (colmo)	alimentação e venda (garapa e rapadura)
Cana roxa	N. I. *	rizoma	medicinal: picada de cobra, dor de ouvido
Capim santo	<i>Kyllinga odorata</i>	folha (capim)	medicinal: calmante, dor de cabeça, queda de cabelo
Cará	<i>Discorea sp.</i>	raiz	alimentação
Chicória	<i>Cichorium endivia</i>	flor	medicinal: dor de ouvido
Cidreira	<i>Citrus medica</i>	folha	medicinal: coração, insônia, purgante para recém-nascido, enjôo de gravidez
Cravo	<i>Dianthus caryophyllus</i>	folha	medicinal: 'chiado no peito', dor de barriga, derrame
Cuia	<i>Crescentia cujete</i>	fruto	artesanato: utensílios domésticos
Cumari	<i>Astrocaryum vulgare</i>	fruto	alimentação
Cupuaçu	<i>Theobroma grandiflorum</i>	fruto	alimentação
Feijão	<i>Phaseolus sp.</i>	fruto	alimentação
Graviola	<i>Annona reticulata</i>	fruto	alimentação
Hortelã	<i>Mentha piperita</i>	folha	medicinal: dor de estômago, cólica de recém nascido, falta de leite materno, dor no fígado
Ingá	<i>Inga spp.</i>	fruto	alimentação
Jaca	<i>Artocarpus integra</i>	fruto; folha	alimentação; medicinal: febre e hepatite
Jambo	<i>Eugenia malaccensis</i>	fruto	alimentação

Relatório Ambiental – Terra Indígena São Sebastião

NOME REGIONAL	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	UTILIZAÇÃO
Jambu	<i>Wulffia stenoglossa</i>	Flor	Medicinal: tosse
Japana	<i>Eupatorium ayapana</i>	Folha	Medicinal: dor de cabeça
Jirimum	<i>Curcubita</i> sp.	Fruto	Alimentação
Laranja	<i>Citrus aurantium</i>	folha/casca	Medicinal: febre, dor de estômago, redução do fluxo menstrual
Limão	<i>Citrus limonum</i>	Fruto; folha	Alimentação; medicinal: gripe e tosse
Macaxeira	<i>Manihot exculenta</i>	Raiz	Alimentação e venda
Mamão	<i>Carica</i> sp.	Fruto; semente	Alimentação; medicinal: vermífugo (ameba)
Mamona	<i>Ricinus communis</i>	fruto (óleo)	Medicinal: dores de pós-parto, cólica
Mandioca	<i>Manihot</i> sp.	Raiz	Alimentação e venda (farinha)
Manga	<i>Magifera indica</i>	Fruto	Alimentação
Mangarataya (gengibre)	<i>Zingiber zingiber</i>	raiz (tubérculo)	Medicinal: dor de garganta, cãibra, indução de parto, cólica, derrame
Mapati	<i>Pourouma cecropiaefolia</i>	Fruto	Alimentação
Mari	<i>Poraqueiba</i> sp.	Fruto	Alimentação
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Folha	Medicinal: ferimentos, 'tosse de guariba' (coqueluche), dores de pós parto, verme
Melancia	<i>Citrullus vulgaris</i>	Fruto	Alimentação e venda
Milho	<i>Zea mays</i>	Fruto	Alimentação
Mocrescida	N. I.	Folha	Medicinal: ferimento, disenteria
Mucuracaá	N. I.	Folha	Medicinal: gripe, tosse, dor de cabeça
Mutuquinha	N. I.	Folha	Medicinal: redução do fluxo menstrual, 'puçanga' (encanto)
Pinhão	<i>Jatropha curcas</i>	folha/flor/casca	Medicinal: gripe, dor no corpo, ferimentos, purgante, picada de cobra
Piripiri	<i>Papyrus elegans</i>	Folha	Medicinal: Fortificante
Pupunha	<i>Bactris gasipaes</i>	Fruto	Alimentação
Quebra pedra	<i>Phyllanthus</i> sp.	folha/raiz	Medicinal: febre amarela
Sabugueira	<i>Sambucus</i> sp.	Folha	Medicinal: Febre
Sena	<i>Cassia</i> sp.	Folha	Medicinal: Menstruação atrasada, hemorragia
Surucucuína	N. I.	Folha	Medicinal: picada de cobra
Tabaco	<i>Nicotiana</i> sp.	Folha	Medicinal: 'cortar preguiça' (estimulante)
Taioba	<i>Xanthosoma violaceum</i>	Fruto	Alimentação
Ticurinho	N. I.	Folha	Medicinal: picada de cobra
Trevo roxo	<i>Trifolium</i> sp.	Folha	Medicinal: dor de ouvido
Trigo	<i>Triticum vulgare</i>	Fruto	Alimentação
Tué ou Maricá	<i>Datura insignis</i>	Caule	Medicinal: dores no corpo, alucinógeno
Vassourinha	<i>Sida carpinifolia</i>	Folha	Medicinal: ferimentos
Verbena	<i>Verbena officinalis</i>	Folha	Medicinal: febre

* N. I.: espécies não identificadas

ANEXOS